



Viajando com Eckhout

Roteiros para viajantes-professores

Eckhout

RB INSTITUTO
RICARDO
BRENNAND

Recife · 2002

Sumário

Convites para uma viagem	
Duas perguntas às professoras e aos professores	3
<i>Joaquim Falcão</i>	
Educar é preciso!	5
<i>Regina Batista e Silva</i>	
Carta aos professores e às professoras	7
<i>Núdeo Educação</i>	
Aventurar-se	9
Olhando pelo telescópio: potencialidades das expedições	12
Viajando com Eckhout pela pluralidade das etnias	19
Viajando com Eckhout e encontrando culturas	26
Viajando com Eckhout e celebrando a natureza	33
Diário de bordo — a memória da viagem	40
Glossário	41
Bibliografia recomendada	46
Anexos	
Arte e Ciência no Brasil Holandês	48
<i>Elly de Vries</i>	
Lendo a linha do tempo	53
<i>Roberta Aymar</i>	
Linha do tempo	56

Duas perguntas às professoras e aos professores

Joaquim Falcão

Permitam que faça algumas perguntas aos nossos professores. São as seguintes: o que mais chamou a atenção de Eckhout quando esteve aqui no Recife e em Olinda há mais de trezentos anos? O que tanto o impressionou, a ponto de inspirar sua pintura e sua arte? Depois: qual a principal tarefa da professora ao apresentar Eckhout a seus alunos? Como podem entender, hoje, uma arte feita há centenas de anos? Vejamos as respostas, uma a uma.

Primeiro, Eckhout logo percebeu que nosso povo, o brasileiro de então, não era branco como o europeu. Era diferente. Era uma mistura de etnias: branca, negra e índia. Era, como ainda somos, e a cada dia mais, um povo mestiço. Mameluco. Ameríndio. Foi uma grande novidade. Diversidade étnica.

Segundo, Eckhout viu e se encantou com uma natureza exuberante e delicada ao mesmo tempo. Diferentes fauna e flora. Nada parecido com seu país, com a Alemanha. Frutas e flores nunca antes imaginadas, como hibiscos; animais estra-

nhos e intrigantes, como caranguejos. Uma mata, uma terra, um mar, uma paisagem de grande beleza e novidade, um deslumbramento enfim.

Finalmente, Eckhout viu também uma cultura muito diferente da sua. As pessoas se vestiam diferentemente. Comiam de forma diferente. Tinham religiões estranhas. Eram até antropófagas! Falavam línguas incompreensíveis, tomavam banho diariamente. Hábitos estranhos quando comparados com os seus.

Eis aí uma possível resposta para a nossa primeira pergunta. O que chamou a atenção de Eckhout e que ele fixou para a eternidade, em suas pinturas, foi uma natureza múltipla e exuberante, um povo mestiço, a partir de várias etnias, e uma cultura diferente, nem bárbara, nem européia.

Qual então a principal tarefa da professora ao apresentar a seus alunos esses quadros, esse olhar de Eckhout sobre Pernambuco, sobre o Brasil?

Ao meu ver, a tarefa fundamental só pode ser uma: estimular para que todos entendam e gostem ainda mais do nosso Recife, do nosso Pernambuco, do nosso Brasil. Estimular a auto-estima do brasileiro. Que o aluno defenda, proteja e preserve nossos rios, nossos mares, nossas matas, nosso ar, nossa cidade. E não aceitem a poluição, a destruição, a devastação. Celebrem nossa natureza como a beleza que Eckhout retratou.

Que nossos alunos se orgulhem de nosso povo, forte, plural e mestiço, como Rivaldo ou Ronaldinho. Que nossos alunos combatam a discriminação racial, o preconceito e a desigualdade social.

Por fim, que nossos alunos pratiquem, no dia-a-dia, a nossa cultura, a nossa música, a nossa dança, a nossa culinária, os nossos sorvetes das frutas que maravilharam Eckhout; se orgulhem de nossa maneira de ser; que sejam naturalmente brasileiros.

Tudo isso pode ser feito, e a professora pode mostrar aos alunos, através do olhar de Eckhout, que parte do passado, mas que agora é o presente, não mais de Eckhout, mas nosso. Um olhar que, sendo crítico, é, sobretudo, construtivo. Que explica e rejeita a antropofagia, por exemplo, e defende a solidariedade social. Um olhar de esperança no futuro dos próprios alunos. Sem que o aluno acredite que o futuro possa ser melhor que o presente e o passado, não haverá futuro. A principal tarefa do professor é esta: é buscar, através de

Eckhout, um futuro que nos engrandeça, na preservação da natureza, na celebração do povo mestiço e no respeito às diferenças culturais.

Educar é preciso!

Regina Batista e Silva

Museóloga

Iniciar um novo trabalho exige esforço concentrado e objetividade no que se quer atingir. Implantar uma proposta de educação e ação cultural em museus é sempre um desafio para museólogos e educadores que reconhecem a necessidade de novas práticas pedagógicas para além das funções tradicionais dos serviços de informação. O desafio é, portanto, encontrar novos enfoques e estratégias para a apresentação de exposições e para a organização de atividades pedagógicas e interativas, que permitam ao museu motivar os indivíduos a encontrar sua própria identidade e a compreender o mundo que o rodeia. Despertar a consciência cultural do público, motivá-lo a aprender algo novo e ganhar sua simpatia e seu apoio é tarefa que só poderá dar certo com a total participação e cooperação do conjunto de profissionais envolvidos com a educação e o patrimônio.

Para ilustrar claramente essa experiência, o Instituto Ricardo Brennand está vivenciando pela primeira vez uma ação

educativa e cultural para a exposição *Albert Eckhout volta ao Brasil 1644–2002*.

Congregando instituições de ensino público e privado, educadores, museólogos e técnicos numa visão multidisciplinar — Arte, História, Ciências, Geografia e Literatura Portuguesa —, propomos uma programação voltada para a capacitação, a formação do olhar e a apreciação da obra de Eckhout, reunida num conjunto de 24 telas pintadas em Pernambuco por esse artista e botânico holandês, que esteve no Brasil há 360 anos com o Conde Maurício de Nassau. Essa relação entre arte, ciências e identidade cultural sinalizou para uma prática pedagógica integrada como forma de consolidar o entendimento entre a produção de Albert Eckhout no século XVII e a vida brasileira contemporânea. O compromisso com a educação, mais uma vez, faz-se presente, beneficiando o público em geral, que recebe o seu passado transformado, por assim dizer, tratado e apresentado através de métodos que são

próprios da comunicação museológica, ou seja, a exposição.

A proposta educativa consistiu em fornecer os meios de conhecimento da obra de Eckhout, com o intuito de facilitar sua interpretação, a partir dos seguintes referenciais: a história local, nacional e mundial; Pernambuco, Brasil, Holanda e Europa no século XVII; relações interétnicas e culturais, meio ambiente e paisagem.

Ao mesmo tempo, julgamos importante fundamentar os conhecimentos abordados, pois, no contexto atual, arte-educação não representa mais trabalhar materiais e técnicas, mas, sim, instrumentalizar o olhar para a compreensão da realidade onde a arte se insere. E o professor, enquanto educador, é o mediador e responsável pelo acesso aos novos códigos de leitura da obra de arte, condição para o desenvolvimento do aluno e de possibilidades de estabelecer uma reflexão crítica sobre os fenômenos artísticos.

Nessa perspectiva, a exposição, como linguagem de comunicação da arte, permite usar simultaneamente de todas as faculdades do conhecer, do sentir, do constatar, do refletir e do interpretar, num cenário/exposição onde o aprendizado se realiza de modo comprometido e envolvente, mas sem o formalismo do sistema tradicional de ensino, o livro.

Esperamos, assim, que essa exposição, pelos conteúdos que propõe, seja um

momento de crescimento não apenas intelectual, mas também lúdico; um local de evocação das origens, um referencial para o entendimento da cultura brasileira. Dessa forma, é que entendemos o indivíduo como senhor de si mesmo e dos seus conteúdos, a partir do acesso a coisas, lugares, processos, acontecimentos e registros. A garantia desse acesso representa, em síntese, um passo importante no processo de transformação do indivíduo em cidadão e sujeito de sua história.

Carta aos professores e às professoras

Núcleo Educação

O convite é para uma viagem!

Qual é o passaporte necessário? O que levar em nossas bagagens? Quem compartilhará conosco das descobertas e também das inquietações que surgem quando adentramos em campos ainda pouco explorados? O que é sentir-se como um estrangeiro?

O mundo, mesmo sendo uma realidade já conhecida, pode vibrar do lado de fora de nós. Sempre há o que capturar pelo olhar, pelo ouvir, pelo tatear. Sentir o cheiro, a textura, o gosto. Sensação de encantamento ou de estranhamento? Nosso olhar vagueia, passeia ou nem repara?

Do lado de dentro, filtrado pela nossa pele/corpo sensível, o que vemos desencadeia, de muitos modos, imagens internas que se movem e se transformam pelo modo de ver, ouvir, tatear, saborear as imagens do lado de fora.

Iniciar uma viagem é estar atento ao que acontece do lado de fora e do lado de

dentro de nós mesmos e de nossos parceiros, frente à realidade que se apresenta. É deixar que nossa pele/corpo sensível penetre no universo que nos é oferecido, sem deixar de lado as nossas referências, para que possamos expandi-las para aspectos nunca antes percebidos, e sem deixar também a realidade conhecida, para que possamos voltar a percebê-la sob novos ângulos e perspectivas.

É para esta viagem que você é convidado. Uma viagem adornada com o tapete vermelho da memória e da percepção, com o colar de flores da imaginação e com a luminosidade do mistério, da magia e das sensações.

O seu passaporte será o desejo, a curiosidade e a sensibilidade. Mas você não embarcará sozinho. Tal qual a expedição interdisciplinar que trouxe Eckhout em 1636, você estará junto com outros professores, atentos e sensíveis a aspectos múltiplos e diversos que o espaço expositivo revelará. Estará também com as peles/corpos curiosos de seus alunos

aprendizes. Pode ser que alguns ainda não tenham visitado uma exposição ou não tenham visto quadros tão grandes ou tão antigos.

A cada vez que você estiver diante das obras de Eckhout, como você será capturado? Como seus alunos serão capturados? Como é estar na presença de imagens antes conhecidas em reproduções de livros, jornais, slides...?

Diante de uma obra de arte, nosso olhar recolhe sensações, percepções, informações. Ao mesmo tempo, a obra também nos olha e nos interroga. Para onde esse nosso olhar/viagem pode nos levar? Valorizar o passado? Compreender o presente? Projetar o futuro?

Para sua bagagem, oferecemos este material de apoio. Nele, mapeando o acervo presente na exposição *Albert Eckhout*, exploramos possibilidades de deslocamentos interpretativos pontuados por roteiros, hipóteses possíveis e questões instigadoras. A perspectiva dialógica que o orientou, buscou realçar idéias possibilitadoras para que cada professor, a seu modo e com seu grupo de alunos, possa aventurar-se no território das imagens de Eckhout.

Na condição de viajantes, espera-se que o percurso poético seja inventivo para o aprender e o ensinar de novos olhares sobre a arte, a cultura, a ciência e a vida.

Como dizia Marcel Proust: “Uma verdadeira viagem de descobrimento não

é encontrar novas terras, mas ter um olhar novo”.

Vamos lá?!

Aventurar-se

Agora eu era o herói, e o meu cavalo só falava Inglês.
A noiva do *cowboy*, era você, além das outras três...
Eu enfrentava os batalhões, os alemães e os seus canhões,
guardava o meu bodoque e ensaiva o rock para as matinês.
Agora eu era o rei, era o bedel e era também juiz.
E pela minha lei, a gente era obrigado a ser feliz!

Chico Buarque de Holanda

Viajar, conhecer territórios desconhecidos, descobrir novas paisagens, novas pessoas...

Nas memórias de infância de todos nós, as viagens se fazem presentes. Reais ou imaginárias, de verdade ou vividas nos jogos simbólicos, viajamos... É na felicidade das brincadeiras, viajando para a lua ou para lugares longínquos, que vivemos a atitude de quem faz expedições e conhece o mundo, com todo o corpo, vigilante às novas descobertas e ao reconhecimento do que já se conhece.

E hoje, como educadores, para onde viajamos? Talvez muitas viagens estejam sendo sonhadas... Mas, se nosso corpo/olhar se faz viajante sensível e atento, uma viagem pode se tornar real quando visitamos a praça próxima, a rua de nossa casa ou da escola, ou mesmo a casa do vizinho; quando nosso corpo/olhar identifica as semelhanças e percebe as diferenças nos modos de viver, pensar e habitar os territórios.

Pequenos deslocamentos como esses podem gerar novas percepções sobre os outros, sobre nós mesmos e o mundo que habitamos. E o que pode gerar uma viagem que é especialmente preparada para chegar a territórios desconhecidos ou pouco conhecidos? Quando visitamos um museu, seja qual for o seu acervo, adentramos num território a ser explorado e revelado aos nossos corpos de viajantes da cultura.

Este material que você tem às mãos, foi construído por muitas cabeças viajantes, com o desejo de trazer à tona o que ainda não se sabe, não se conhece, não se viu, através das pinturas de Albert Eckhout.

Antes de iniciar essa viagem, imagine-se como um viajante a um território desconhecido e pergunte-se: O que seria imprescindível levar nessa viagem?

Talvez sua preocupação inicial seja recolher todas as informações possíveis, como mapas, prospectos, reportagens retiradas de jornais, revistas, Internet,

livros, relatos de outros viajantes, etc. Você já pensou sobre a importância dos primeiros viajantes à América, que cartografaram seus mapas com o objetivo maior de saber voltar para casa? Hoje os satélites nos ajudam, e a visualização das estrelas no céu, os astrolábios ou as bússolas foram sendo substituídos por mapas e fotos mais detalhadas e por instrumentos mais sofisticados e precisos.

Você pode ter lembrado de artigos para sua sobrevivência, pois não sabe o que vai encontrar, e pensou em levar comida, remédios, roupas apropriadas. Ou você pensou em algo para o registro? Máquina fotográfica ou filmadora, papéis e lápis, canetas ou tintas, gravador, um diário de bordo...

Sua resposta, entretanto, pode ter sido outra, como a que foi dada por um grupo de professores, quando iniciamos a Ação Educativa da exposição de Eckhout, que disseram: uma mente aberta para investigar, muita curiosidade, uma expectativa que acolhe o inesperado, o acaso, o que se expande para além de nossas referências.

Essa atitude investigativa, inquieta e curiosa, é imprescindível em nossa bagagem. Sem ela, as informações podem ficar cristalizadas naquilo que os outros já viram e nos contaram, os registros podem se limitar àquelas fotos reproduzidas nos mesmos locais dos cartões-postais e que simplesmente dizem: "Eu estive aqui".

Excursão ou expedição? Tudo depende da atitude. É uma excursão, se a atitude não pretende mergulhar no desconhecido; se o olhar do viajante é um olhar ingênuo, que apenas vagueia pela paisagem. É uma expedição, se a atitude é investigativa, com a pretensão de colher informações, porque o olhar do viajante é curioso e sensível. Não teria sido este o próprio olhar de Eckhout que encontramos nas informações visuais de suas paisagens e cenas?

Uma exposição de arte estimula a uma viagem expedicionária, quando vamos com os sentidos em alerta, em vigilância criativa para capturar e ver mais e mais. Encontramos, num espaço expositivo, a oportunidade para perceber sonoridades, odores, sensações e exercitar novos olhares através das obras. A viagem pode se tornar emocionante, pois os sentidos podem ficar mais aguçados se houver uma boa preparação.

Para alguns, isso pode significar perder o gosto da descoberta. Porém, mesmo que tenhamos refletido, lido, visto, ouvido e conversado olhando uma reprodução, estar diante do original provoca uma singular experiência estética. Além da sensação diferenciada de ver algo que já se tomara familiar através de reprodução, somos tomados por novas percepções convocadas pela dimensão, nitidez e qualidade das cores e formas das obras. Uma reprodução, mesmo que acompanhada de informações sobre as dimensões de uma obra, não suscita a

sensação de surpresa que podemos ter quando estamos realmente frente a ela.

Entrar na exposição *Albert Eckhouts* sabendo o que está exposto, entretanto, não é garantia de que a visita irá ampliar nossos conhecimentos. As informações são importantes, quer sejam dadas por leitura, pesquisa ou pelo monitor, mas o potencial da visita está naquilo que nosso olhar/corpo singular captura, amalgamado com nossas referências pessoais e sociais. O que nossos olhos vêem, juntamente com o que o nosso corpo/mente sente, nos faz pensar. É com um novo olhar que sempre saímos da visita a uma exposição.

Ao mesmo tempo, o clima gerado no espaço cultural por nossa presença expande-se ainda mais na medida em que trocamos idéias com os que estão conosco nessa viagem estética. Nesse momento, a presença do professor ou do monitor é fundamental, pois pode instigar, com questões provocadoras e jogos de percepção, o intercâmbio das impressões sensoriais, de leituras, de interpretações e da conversa sobre o que as próprias obras nos interrogam.

Muitas perguntas nos fazemos quando estamos envolvidos em processos de mediação geradores de encontros sensíveis. Encontros germinam sensações, ações, sentimentos e pensamentos que vão configurando nossa forma singular de habitar o mundo. São encontros prazerosos que acolhem, com curiosidade e abertura, as descobertas e novas

inquietações, ou são encontros dificultados pela apatia, pela omissão, pelo confronto e pela oposição gratuitos, pelos preconceitos.

Cuidar atentamente da qualidade dos encontros com diferentes realidades que podem, a princípio, parecer distantes, externas e estranhas é nossa meta. Trata-se de encontros que exigem atitudes pedagógicas que podem reforçar e instigar a construção de significações.

É por isso que uma atitude investigativa é vital. É com nosso olhar sensível e pensante e com o nosso corpo receptivo, que nos deixamos capturar para o diálogo com que a exposição nos presenteia.

Tudo isso nos leva a refletir sobre a necessidade de preparar nossos alunos para a viagem. O ponto inicial, entretanto, está em dar importância ao que vamos pensar e ver nos possíveis caminhos que poderão ser traçados para uma expedição.

As obras de Eckhout chegam ao Recife, de onde saíram, 350 anos mais tarde. Só esse fato já faz da exposição um acontecimento extraordinário. O que pode nos revelar a visão desse holandês?

Olhando pelo telescópio: potencialidades das expedições

O olhar se educa, o gosto se forma.

Ana Cláudia de Oliveira

A importância do legado pictórico de Eckhout, por si só, já é motivo para iniciar a viagem. Como professores/pesquisadores, já nos mobilizamos para os preparativos iniciais. Como deflagrar uma viagem com nossos alunos, onde o ensinar e o aprender se coloquem como metas?

Agendar uma visita à exposição, realizando com alunos algumas leituras prévias das obras e, no retorno à sala de aula, pedir para que registrem o que viram, seria suficiente?

Pode ser um caminho. Essa atividade, no entanto, ainda com resquícios de uma concepção de educação modernista, não permite uma ligação significativa entre a visita a uma exposição e seu desdobramento na sala de aula. A questão é: que saberes podem gerar Eckhout e suas pinturas, o espaço expositivo, o contato singular de cada um provocado pela visita? Que interrogações essa memória pictórica pode nos levar a fazer sobre o Brasil, sobre os brasileiros?

Para buscar desenvolver as potencialidades geradas por uma visita, um bom caminho pode ser pensar em projetos com os alunos para desencadear uma rede de ações significativas. Por isso, planejar cada momento tem sua importância.

Nesse sentido, quando o foco do planejamento está na visita à exposição, qual ação seria mais significativa: levar os alunos, deixando-os vagarear pelo espaço, ou provocá-los com focos de observação, para que o olhar se torne mais atento?

Se há uma preocupação contemporânea com a educação do olhar, a visita pode vir a ser o espaço privilegiado para a construção de um olhar, de uma maneira de olhar, de um olhar que pretende compreender.

Olhar, apreciar, uma imagem pede uma orientação aos olhos, de tal modo que todos os sentidos possam “olhar” e, inversamente, o olhar possa sentir, escu-

tar, tatear, pensar. Nesse trabalho gerador de sentidos e significados, o olhar é cognição, sentimento, consciência.

Convocar esse olhar é uma tarefa de mediação do educador; tarefa de tirar os alunos de uma atitude passiva para colocá-los em atitude ativa, observadora, atenta ao texto visual da imagem.

Para isso, o educador é um perguntador, é aquele que sabe fazer perguntas e levar o olhar a dialogar com a imagem, aguçando a curiosidade e o desejo de olhar o que ainda não foi olhado, instigando uma aptidão interrogativa.

Para perguntar, é importante que o próprio educador tenha feito uma leitura pessoal das imagens, para saber que focos de observação, tal qual uma pauta do olhar, podem provocar um diálogo dos alunos com a imagem, com eles próprios sobre a imagem e com o educador.

Por isso mesmo, cuidadoso, o educador procura não transformar essa listagem num roteiro rígido, como uma seqüência de perguntas, tal qual um questionário. Para tanto, ele deve ser um leitor das respostas de seus alunos, acompanhando o percurso do olhar que estão fazendo, identificando como eles olham, sentem, lêem, pensam e interpretam o que vêem.

Projetando expedições

Recolhidas informações, incorporadas atitudes de pesquisa e de amoroso cuidado na preparação dos alunos,

podemos imaginar potencialidades de projetos.

Encarando a visita à exposição como uma expedição que pode ser realizada no início, no meio ou quase ao final de um projeto, compartilhada com professores de outras áreas do conhecimento ou apenas cercando a sua disciplina, será necessário planejar. Eis uma questão crucial: planejar projetos será determinar as atividades que serão realizadas pelos alunos? Ou planejar projetos é pensar possibilidades e ir caminhando com avaliações constantes, replanejamentos, adequações, tendo como protagonistas também os alunos envolvidos, como parte integrante das decisões a serem tomadas, como co-autores do processo de aprendizagem?

Essa é uma dificuldade enfrentada na elaboração deste material educativo. Como propor algumas idéias, sem engessar e tornar o professor apenas um “executor”? Como oferecer propostas de atividades que se liguem entre si, superando seu entendimento como ações isoladas? Como evidenciar que a arte pode ser uma linguagem estimulante para provocar conhecimentos, tanto dela mesma— enquanto um modo singular do ser humano revelar e comunicar seus sentimentos, sensações e idéias— como também sobre contextos sociais, políticos, culturais, científicos, éticos, etc.? Como trazer o cotidiano para o projeto, para que se possa pensar o presente e o futuro a partir das pinturas de Eckhout?

Com essas preocupações, adotamos como proposta o trabalho com projetos, devido aos seus fundamentos metodológicos e epistemológicos. Há vários autores que estudam esse modo de ação, visto mais como uma atitude pedagógica do que como uma metodologia. Trabalhar com projetos possibilita uma postura interdisciplinar, ou permite focalizar uma única disciplina com os olhos voltados para o universo humano, dinamizando o ensinar e o aprender, numa perspectiva de trocas, interação e pesquisa, a partir de interesses comuns, opostos ou complementares. Lidar com projetos nos impele, como educadores, a debruçar-nos sobre um objeto de estudo, ampliando as possibilidades de compreendê-lo e interligando-o com a vida na e fora da escola.

Os projetos estão aqui visualizados como roteiros da viagem, e devem ser recriados por cada professor e com cada grupo. São apenas sugestões articuladas, como possíveis trilhas para uma viagem.

As paisagens, a fauna, a flora, os diferentes tipos humanos desvelados por Eckhout instigam múltiplas possibilidades para projetos, mas optamos por selecionar, neste material norteador, três temas centrais:

- Pluralidade das Etnias.
- Encontro das Culturas.
- Celebração da Natureza.

Certamente as obras de Eckhout nos fazem tocar nesses três aspectos, mas

podemos escolher um deles para recriá-lo e aprofundá-lo, com nossos parceiros, alunos e outros professores.

Abordaremos cada tema em separado, conscientes de que muito mais poderia estar aqui sugerido. Mantendo uma estrutura próxima, cada tema é uma proposta de planejamento da viagem, uma via de acesso para desenvolver um projeto. Como um referencial de onde parte o projeto, seu percurso não é reto. Há voltas e reviravoltas, que serão ditadas pelo diálogo e pela participação dos alunos. São eles que conduzem a viagem, dando as pistas do que já sabem, do que não sabem e do que gostariam de saber, somadas às pistas do que você sabe que eles precisariam saber.

Esperamos que muitas outras possibilidades de roteiros possam surgir e ser reveladas através da ação educativa dessa exposição.

A cartografia dos roteiros de viagem

Todo roteiro parte de uma localização. Tal qual um cartógrafo, apresentamos a seguir o desenho estrutural que estará presente nas três possíveis viagens/projetos, a partir das obras de Eckhout.

Aquecimento: momento inicial de mapear desejos

Frente à escolha de uma viagem/projeto, pode-se perguntar: Por onde começar? Como gerar interesse para o que pretendemos abordar, de modo a desencadear aprendizagens significativas?

Para cada projeto, como um aquecimento, algumas ações são propostas, objetivando instigar os alunos a fazer parte da viagem, não esquecendo de que a própria visita à exposição pode ser a iniciadora do projeto. Ao mesmo tempo, o objetivo é também gerar uma avaliação diagnóstica inicial sobre o tema escolhido, como um eixo condutor da viagem.

Refletindo sobre a avaliação diagnóstica

O que descobrimos sobre nossos alunos e sobre as potencialidades do tema junto a eles?

Os dados colhidos e registrados através do aquecimento oferecem o perfil do grupo, mapeando possibilidades de caminhos para o desenvolvimento do projeto, gerando idéias para:

Questões problematizadoras

Como uma etapa importante de construção junto aos alunos, as questões levantadas levam à investigação e apontam os objetivos que serão transformados em justificativa e serão indicadores dos conteúdos.

Sistematizando a proposta: a justificativa, os objetivos e os conteúdos do projeto

Costurando a síntese da avaliação diagnóstica com a definição da questão ou das questões problematizadoras, o momento é de argumentar e fundamentar a importância do que será investigado so-

bre o tema. Essa reflexão ajudará a elencar os objetivos. Num projeto, os objetivos terão de ser claros e palpáveis, cercando o que se pretende atingir, seja como conteúdos, procedimentos ou atitudes.

Investigando durante a visita à exposição

Como preparar a visita à exposição? Quando ela deverá ser realizada? O que fazer no retorno à sala de aula?

Esse momento poderá acontecer no início, no meio ou próximo ao final do projeto. Na preparação da visita, pode-se conversar sobre as regras de visitação, a conduta adequada no espaço expositivo, a observação de linhas de chão para o necessário distanciamento, esclarecendo o porquê desses cuidados e relacionando-os com a importância da conservação do patrimônio cultural. Mas é preciso ir além.

O termo *visita* e o verbo *visitar* significam primeiro *vista* e *ver*. Acrescente-se aí um percurso: quem visita vai ver, observar, pesquisar. Por isso mesmo, algumas questões são propostas aos alunos, ajudando-os a olhar e a pensar sobre os temas presentes não só nas obras de Eckhout, mas também no próprio modo de expor as obras.

Como eles imaginam que está montada a exposição?

Haverá somente as obras de Eckhout expostas?

Como imaginam o espaço? Que referên-

cias eles têm de exposições de artes plásticas? Quais exposições já visitaram?

A partir dessa conversa inicial, é possível levantar prováveis focos para o olhar/corpo, que podem ser norteadores para a discussão, ampliando o tema que estão trabalhando. Esses focos seriam como questões provocadoras para a visita, elaborados pelos alunos como exercício de um olhar mais sensível e atento.

É importante lembrar essas questões no momento inicial da visita, como também os próprios alunos comunicarem ao monitor que os acompanhará sobre os interesses do grupo. Nada impede que outras questões possam surgir ao longo da visita/viagem, seja pelo monitor ou pelos próprios alunos.

E na volta?

O registro individual do encontro com as obras de Eckhout é fundamental para que as impressões possam vir à tona, tornando-se mais conscientes para que possam ser socializadas. Uma atenção especial, por parte do professor, é necessária para que os alunos não reproduzam apenas o que ouviram ou leram. Nessa tarefa, é imprescindível puxar as próprias sensações e impressões, valorizando as opiniões pessoais. A sugestão é que esses registros sejam feitos de diferentes formas: um relatório da visita, uma carta para alguém que ainda não foi ver a exposição, um conto, desenhos, uma história em quadrinhos, uma história contada sem palavras, etc.

A socialização desses registros pode se dar com a apresentação individual ou em pequenos grupos. Se a classe é numerosa, é interessante propor um primeiro momento de troca em pequenos grupos, para depois socializar as descobertas comuns e os pontos diversos mais interessantes.

Desse material retirado da visita, encaindo-a como uma expedição, é que novos encaminhamentos podem ser propostos. Caso a visita ocorra próxima ao encerramento do projeto, o material colhido poderá encaminhar a finalização.

Encaminhamentos/Proposições Didáticas

Quais as ações para se chegar aos objetivos pretendidos e para tocar os conteúdos, de modo a gerar reais aprendizagens?

São várias as possíveis proposições didáticas que podem ser vividas pelos alunos. Cada uma delas pode ser realizada em momentos diferentes. Não há uma seqüência a ser obedecida. Não é obrigatório iniciar com a leitura de imagens para depois propor ações expressivas ou abordar certos conteúdos ou, ainda, visitar a exposição antes do início das pesquisas. Os encaminhamentos podem ser planejados, mas a seqüência e o modo como serão vividos dependerá de avaliações constantes.

Independentemente dos rumos do projeto, algumas condutas devem ser observadas para as várias propostas:

Para ler em obras de arte: A escolha da imagem ou imagens que comporão os exercícios de leitura deve ser feita para provocar o olhar dos alunos em diversos aspectos. Não será preciso se restringir às obras de Eckhout, incluindo-se também obras de artistas de outros tempos e lugares, fotografias recentes do Recife e de seus habitantes, além das reportagens que saíram nas mídias sobre a exposição. O importante é formular questões que promovam a leitura, que provoquem estranhamentos, ampliando modos de ver, ler e interpretar, estabelecendo relações intertextuais ao fazer leituras comparativas.

Para pesquisar: Orientar propostas de pesquisa em diversas áreas do conhecimento ou com questões delimitadas, com o objetivo de responder à problematização, é um espaço importante. Como pesquisadores, os alunos poderão fazer entrevistas, buscar materiais em livros, sites e grupos de discussão na Internet, catálogos, CDs, visitas a outros museus, filmes e vídeos, além das mídias impressas.

Para produzir: A criação é parte integrante de um projeto. É o espaço da expressão poética pessoal e/ou coletiva, que abre caminhos para a comunicação, a socialização de idéias, sentimentos, sensações e reflexões, interligando a vida aos projetos da escola e ao contato sensível com as pinturas de Eckhout.

Propostas de finalização

Como aglutinar o que foi aprendido durante o projeto? Como mostrar para

outras classes o que foi realizado, as descobertas, as produções?

Há diferentes modos de se fechar um projeto, de finalizar um ciclo de aprendizagem. Pode-se criar mesas-redondas, debates e seminários com alunos e professores; jogos e gincanas entre as classes; eventos com as produções dos alunos: exposições (com convite à comunidade, monitoria de alunos, livro de assinaturas, cartaz), mostras de teatro, dança, música, vídeos, etc. (com cartazes, várias apresentações); painéis que contêm as histórias do projetos vividos; grafiteagem nos muros da escola, produção de um livro do grupo, entre muitas outras possibilidades.

Avaliando o projeto vivido

O que aprendemos com o projeto? O que deveria ser repetido em qualquer projeto? O que não foi tão acertado? O que faltou? O que poderíamos ter feito ainda? Como lidamos com o tempo? O projeto, com seus objetivos e conteúdos, foi adequado ao grupo?

A avaliação constante para definir os próprios passos do projeto faz parte de todas as etapas, começando pelo aquecimento e se ampliando nas avaliações dos trabalhos apresentados pelos alunos ao longo do projeto. No entanto, no encerramento do processo, a avaliação ganha um peso diferenciado.

É preciso estabelecer critérios para avaliar as ações realizadas, o tempo, a di-

nâmica e a participação de todos, confrontando com os objetivos propostos, as questões problematizadoras, os conteúdos que se esperava trabalhar. A sistematização de todos os conteúdos trabalhados, elencando o que foi aprendido, permite perceber a estrutura e a organização do projeto que foi sendo concretizado durante todo o processo.

É vital também que tanto professores como alunos realizem uma auto-avaliação, para que possam levar em conta o modo como ensinaram e aprenderam e quais as relações construídas na aprendizagem com a vida, com o cotidiano, com a compreensão e com o conhecimento do mundo.

Amemória da viagem

Como é possível a articulação de todos esses movimentos em um projeto?

Registrar a viagem pode se tornar um prazer para você e seus alunos. Um diário de bordo individual, ou trabalhado coletivamente, pode contar a história do que foi realizado, incorporando anotações, textos lidos, reportagens, idéias abandonadas, etc. Tal qual um portfólio do artista, as memórias registram desde esboços de idéias até a documentação das produções finais, contribuindo para a construção da avaliação final, pois engloba a somatória dos percursos vividos.

Como partes de um todo que se matiza e é colorido pelas vivências de cada gru-

po, essa estrutura será reapresentada a seguir, com as temáticas acima descritas. Como cartógrafo dessa viagem, cabe a você selecionar, ampliar, definir percursos e ações, juntamente com seus parceiros, alunos e professores. Tome essas sugestões apenas como lugares que podem ser visitados, com perspectivas diversas, pois seu grupo e você saberão buscar os pontos de vista mais instigantes.

Viajando com Eckhout pela pluralidade das etnias

No estádio de futebol em dia de jogo ou na hora do recreio da escola, podemos observar a diversidade de cores, texturas e formas que precisaríamos utilizar para pintar os tipos humanos presentes nesses locais.

Os holandeses também aqui encontraram uma comunidade mestiça formada por negros, brancos, mulatos, cafuzos, índios, mamelucos. Essa diversidade étnica foi ampliada com a presença de ruivos (Leste europeu), italianos, franceses, ingleses, judeus ibéricos (sefarditas) e judeus do Leste europeu (asquenazitas), que deu um belo colorido à grande massa de brasileiros que habitam o Brasil até hoje. Descendentes das comunidades holandesas estão espalhados pelo Nordeste brasileiro, constituindo as famílias denominadas de Wanderley, Lins, entre outras.

A pele cor de terra avermelhada, dos primitivos habitantes, foi gradativamente tomando outros tons, cores, com a chegada de outras etnias que provocaram a

mestiçagem do nosso País. Com as peles retingidas pelos cruzamentos com outros povos, fios de cabelos, formas faciais e corporais foram também submetidos à metamorfose. Mas não só a pele se miscigenou, como também as heranças trazidas pela cultura, pelos mitos, pelos ritos, pelas crenças e por todas as suas manifestações, assim, mesclando modos de ser singulares. Ora opostos, ora complementares, ora semelhantes, constituindo a pluralidade étnica da nossa formação.

Tematizar nossa construção plural através do legado pictórico de Albert Eckhout, que representou, nas suas monumentais telas de tamanhos naturais, a etnografia dos nossos ancestrais, poderá ser um ótimo ponto de partida para refletir sobre os vínculos e as relações humanas no passado e seus desdobramentos na contemporaneidade.

Mas como torná-la instigante para nossos alunos?

Aquecimento: momento inicial de mapear desejos

São muitas as possibilidades de despertar para o foco aqui pretendido. Sugerimos duas possibilidades, como pontos de partida. Uma não impede a realização da outra, como também você poderá inventar outros modos de trazer à tona a questão da pluralidade das etnias.

Possibilidade 1

Observando características físicas

Objetivando levar os alunos à observação de características físicas, sugerimos as seguintes ações:

- Desenhos de observação, através de espelho, de fragmentos do rosto: os olhos, o nariz, a boca, a cor da pele, etc.; Depois, montagem de um painel coletivo, agrupando fragmentos e percebendo semelhanças e diferenças, tanto nos modos de representação como nas características apresentadas.
- Jogo coletivo propondo que os alunos caminhem pela sala isoladamente. Pode-se iniciar solicitando que andem lentamente, rapidamente, depois como em câmara lenta, para que pisquem sempre que cruzar os olhos com outro ou outra colega. Depois, entrando no jogo propriamente, pedir para que formem agrupamentos que são sempre desmanchados por novos desafios. Por exemplo: a mesma cor de cabelo, textura ou comprimento; o mesmo tipo de nariz; as mesmas cores dos olhos; o mesmo tom de pele; o mesmo tamanho de braços; o mesmo desenho de sobrancelhas, etc.

· Cada aluno faz o retrato de um(a) colega e apresenta-o ao grupo/classe para que, através das características físicas representadas, seja identificado.

Questões problematizadoras

- De que modo representamos a diversidade de nossas características físicas?
- Por que há essas diferenças e semelhanças?

A discussão com o grupo de alunos pode gerar a percepção das diferenças étnicas, suas características e a miscigenação, abrindo espaço também para a percepção do modo como essas características foram representadas através da linguagem das artes visuais e do corpo como suporte expressivo e cultural. A moda certamente trará outros ângulos para abordar a questão. Por exemplo: os ditames da moda de cabelos lisos em relação aos cabelos cacheados.

Possibilidade 2

Ouvindo *Etnia* de Chico Science

Escuta atenta da música *Etnia*, presente no CD *Afroiberdélia*, de Chico Science & Nação Zumbi (1996). A percepção da sua letra e melodia, registrada primeiramente por cada aluno, abre para a troca e a discussão coletiva tanto dos aspectos sonoros (altura, duração, timbre, intensidade, ritmo, melodia, etc.), as referências culturais que conhecem, como das interpretações possíveis.

Questões provocadoras

- Como e por que a música valoriza as origens e as diferentes culturas?
- Há orgulho em ser diferente? Ou a identificação é por “modelos” mitificados?
- O que sabem sobre o rap?

Refletindo sobre a avaliação diagnóstica

Frente às ações expressivas realizadas, o professor poderá colher respostas a algumas questões que ao mesmo tempo levam a novas problematizações, tais como aspectos a serem pesquisados, repensados, ampliados.

- O que descobrimos sobre nossos alunos frente ao tema?
- Que valores revelam quanto às suas origens? Foi possível conhecê-las melhor?
- Quais os sentidos que o conceito de etnia tem para eles? Percebem diferenças nos termos etnia e raça?
- Quais etnias conhecem? O que caracteriza cada uma?
- Há etnias puras?
- Há preconceitos étnicos no mundo contemporâneo? Como são revelados através das mídias? E através de nosso comportamento?
- Conhecemos expoentes de várias etnias que deixaram suas marcas na história brasileira? E hoje?
- Conhecemos os nossos ancestrais?
- ...
- O que revelam os desenhos e o jogo corporal coletivo (possibilidade 1) e a escuta e interpretação da música (possibilidade 2) em relação à expressividade

e a utilização dessas linguagens?

- Como se dá a discussão no grupo de alunos: sabem ouvir os outros? Têm facilidade para expressar-se?

Possíveis objetivos e conteúdos/conceitos

Promover situações de aprendizagem que movam os alunos para:

- Investigar por que e como Eckhout valorizou os tipos étnicos no Brasil Holandês e qual a importância de seus trabalhos no passado e no presente quanto a essa questão.
- Identificar a diversidade étnica do povo brasileiro, como consequência do amplo processo de miscigenação.
- Conscientizar-se do seu pertencimento na grande malha humana pluri e interétnica, de modo a ser capaz de aceitar, respeitar, apreciar e valorizar as diferentes etnias.
- Perceber como as características étnicas extrapolam as aparências físicas.

São muitos os possíveis conteúdos e conceitos que poderão ser abordados e ampliados dentro dessa temática. Sugerimos que as respostas do grupo às situações apresentadas direcionem o aprofundamento da compreensão da pluralidade das etnias, através das obras de Eckhout, por ângulos múltiplos e diversos. O olhar de cada disciplina sobre esse tema poderá trazer perspectivas singulares. Pode-se dar foco para:

-Etnias: histórias humanas na luta pela valorização e o respeito às diferenças.

- A genética desvendando as questões étnicas.
- A diversidade cultural e suas manifestações (leia também *Viajando com Eckhout* e encontrando culturas).
- A miscigenação e a antropofagia modernista: repercussões na arte e na vida
- Hegemonia branca: presença, poder e superação.
- Brasilidade - identidade, alteridade e pertencimento.
- Família: vínculos afetivos para além das relações de parentesco.
- A representação da figura humana nas artes: etnia, costumes e objetos.

Continuidade do projeto: encaminhamentos potenciais

Para ler nas obras de arte

Começando com os desenhos de observação ou com a escuta e a discussão a partir da música Etnia, após o levantamento das questões e dos conteúdos centrais, pode-se levar os alunos à leitura de obras. Sugerimos aqui três alternativas não excludentes.

Lembramos que as questões provocadoras do olhar não deverão ser lidas por você, como mediador, mas poderão nortear o diálogo provocativo. As respostas devem gerar novas questões, provocando o envolvimento e o aprofundamento da leitura, que deverá ser encaminhada para uma sistematização das idéias e dos conceitos levantados, apoiados também em informações sobre a obra.

Possibilidade 1

Lendo a pintura *Mameluca*

O diálogo provocativo pode ser norteador por questões, tais como:

- O que vocês reconhecem nesta obra?
- Observando o tom da pele, o tipo de cabelo e as feições do rosto (nariz, olhos, boca), pode-se afirmar que essa mulher é branca, índia, negra ou mestiça? Por quê?
- Para quem/onde ela está olhando? Formulem hipóteses e argumentem sobre essas hipóteses.
- Como a figura feminina foi tratada, sendo foco principal da imagem? O que você pode perceber através de sua gestualidade, de sua roupa, dos adornos que usa, de sua proporção?
- Como Eckhout estruturou a composição plástica? Se você fosse esquematizar em formas geométricas essa imagem, como faria?
- Vocês consideram que essa pintura foi feita através da observação direta, de memória ou da imaginação?
- Vocês conhecem alguma obra parecida com essa?
- ...

Possibilidade 2

Uma leitura comparativa entre obras de Eckhout

A proposta é iniciar com uma leitura comparativa entre quatro obras: *Mameluca*, *Negra*, *Índia Tapuia*, *Servo*

com a caixa de ouro. Trabalhar com várias obras, comparativamente, possibilita a percepção de colher semelhanças e diferenças entre elas. Ao mesmo tempo, exige o cuidado para que cada uma das obras não seja olhada superficialmente.

Algumas questões provocadoras dohar:

- Pelas feições dos rostos, tonalidades das peles e tipos de cabelo, é possível identificar os tipos étnicos dessas imagens?
- Todos esses tipos humanos estão vestidos de acordo com os costumes étnicos da sua cultura de origem? Justifique a sua resposta.
- Quais seriam os ancestrais desses tipos humanos?
- As espécies humanas e os animais reconhecidos nessas imagens apresentam as mesmas características nos dias de hoje? O que mudou? O que permaneceu?
- O que revelam os adornos e a expressividade dos corpos de cada personagem?
- Se pensarmos numa pirâmide social durante o período holandês, que posições ocupariam os diversos personagens? Qual desses seria mais privilegiado na hierarquia social? Por quê? Como as imagens evidenciam essas relações sociais? Por quais signos?
- ...

Possibilidade 3

Uma leitura comparativa - Eckhout e artistas contemporâneos



Rosana Paulino · Sem título, 1997, xerox transferida e costurada sobre tecido montado em bastidor, 31,3x310 x 1,1 cm, Museu de Arte Moderna de São Paulo, SP

Vick Muniz · *Valentina, the fastest*, 33 x 27 cm, Galeria Camargo Vilaça, São Paulo

É provocador promover uma leitura comparativa de obras criadas em tempos e locais diferentes. Uma boa discussão, tanto em relação aos procedimentos artísticos quanto a possíveis interpretações, pode ser gerada colocando as obras de Eckhout lado a lado com, por exemplo, Instalação, Sem título, 1997, uma obra de Rosana Paulino, que trabalha com bordados expressivos sobre imagens de pessoas negras, impressas em tecidos fixos em bastidores. Ou junto a uma obra de Vik Muniz, *Valentina, a mais rápida*, fotografia de um desenho feito com açúcar sobre papel preto, da série *Crianças de açúcar* (1996).

Algumas questões provocadoras dohar:

- As figuras humanas representadas nessas imagens pertencem a que etnia? Que características você visualizou para identificá-la?
- É possível identificar diferentes faixas etárias? Há figuras femininas e masculi-

nas? O que esses aspectos nos revelam?

- Que modalidades e técnicas foram utilizadas na produção dessas obras?
- Quais são os conceitos e preconceitos que essas imagens suscitam?
- Observando essas obras, quais as relações de identidade e alteridade que a sociedade brasileira estabeleceu e estabelece com esses tipos humanos?
-

Lembre-se de que a leitura das obras visuais pode acontecer em qualquer um dos momentos do projeto. Da leitura, novas questões provocadoras podem ser abertas, relacionando-se com os objetivos e conteúdos que vão sendo definidos durante a vivência do projeto.

Para descobrir na visita à exposição

A partir das ações propostas para o “aquecimento”, estaremos nos preparando para a visita. Algumas leituras anteriores, como as já elencadas, podem ser feitas também, mas nada exclui o encontro vivo com as obras.

Para lembrar, volte a ler em *A Cartografia dos Roteiros de Viagem*, as sugestões para a preparação, a visita e as ações propostas na volta à sala de aula.

Para pesquisar:

- Considerando as várias origens étnicas, pesquisar personalidades, nos diversos campos da cultura e da ciência, que deixaram suas marcas na história brasileira no ontem e no hoje.
- Pesquisar sobre o movimento *Mangue*

Beate e as origens étnicas dos ritmos trabalhados por seus grupos musicais.

- Antigamente, sexo era assunto proibido. Ainda hoje falar de sexo é muito complexo. No período em que viveu Albert Eckhout, de que forma era explicitada a reprodução humana? As doenças sexualmente transmissíveis eram as mesmas do nosso tempo? A forma de tratá-las ainda é a mesma? Em quais campos de conhecimento poderemos investigar essas questões?

- A estrutura das composições de Eckhout, com um primeiro plano mais detalhado, situado numa baixa linha de horizonte, em contraste com um grande espaço superior, está presente em outras obras holandesas. Pesquise em outras obras da época e investigue que influências ditaram essas regras.

- A grafia utilizada por Albert Eckhout na assinatura de seus quadros foi repetida no nome da exposição. Mas há outras variações em documentos de época: Albert Eckholt, Albert Eijkhart e Elbert Eeckhout. Pesquise sobre nomes próprios de cada etnia e de cada região do Brasil. Que influências recebem os nomes próprios em cada época?

Para produzir:

- Colagem a partir de propagandas evidenciando o modo como tratam a questão das etnias, e dentro dela: as relações de parentesco, as “famílias ideais”, as valorizações profissionais, etc.
- Fazer a leitura da obra *A Redenção de Cam* (1895), de Modesto Brocos y Gomes, interpretando as relações de pa-



Modesto Brocos y Gomes. *A Redenção de Cam*, 1895, óleo sobre tela, 199 x 166 cm, Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro

rentesco entre os tipos humanos representados. Nessa obra, o artista faz referência à história de Cam, um dos filhos de Noé (amaldiçoado) e que durante os séculos XVI e XVII foi considerado progenitor dos negros. O mito do branqueamento das gerações através das misturas das raças aparece nessa obra, com a presença da avó negra, a filha mulata junto ao seu marido, um homem branco, e o neto branco. Elaborar um enredo envolvendo a cena, criando diálogos entre os tipos étnicos envolvidos. Os resultados poderão ser transformados em encenações teatrais que fomentarão debates sobre questões étnicas e sobre a linguagem cênica e seus signos.

Tereza Costa Rêgo
· *A Gênese ou Massacre dos Índios*, ano, Acrílico sobre madeira, 220 x 160 cm, Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães, Recife



Wellington Virgolino.
O Paraíso, ano, óleo sobre tela colada em duratex, 100x180cm.



- Construção de árvores genealógicas dos alunos, utilizando fotos e/ou desenhos.
- Ler as obras *A Gênese ou Massacre dos Índios*, de Tereza Costa Rêgo; e *O Paraíso*, de Wellington Virgolino, levantando os aspectos formais e simbólicos das obras e suas relações com as situações contextuais em que estão envolvidos os índios representados. Diante das questões identificadas, produzir textos literários e/ou dissertativos que reflitam sobre as situações expressas nas obras.
- Coletar informações sobre as línguas, os hábitos, os costumes, as músicas e as vestimentas típicas de várias etnias, e, com essas informações produzir uma encenação como se fosse um programa de TV: um jornal, uma novela, um programa de entrevistas, de auditório, etc.
- Fazer uma reportagem jornalística produzida como um telejornal ou um programa de rádio posto no ar no intervalo, como uma rádio-pirata.
- Elaboração de rap, poema, paródia ou cordel sobre Eckhout e a pluralidade das etnias.

Como finalizar? Que aspectos avaliar?

Volte a ler *A Cartografia dos Roteiros de Viagem* e reveja as possibilidades sugeridas para a finalização de seu projeto. Conversando com os alunos, discutam as formas de socializar o que descobriram a partir da viagem com Eckhout e como promover a avaliação final, somatória de todas as que foram feitas ao longo do projeto.

Viajando com Eckhout e encontrando culturas

Diversas línguas eram faladas no Brasil no período nassoviano. Além do tupi - língua nativa - as pessoas se comunicavam em inglês, italiano, francês, hebraico, holandês e espanhol. Havia até um catecismo escrito em tupi, holandês e espanhol, segundo o pesquisador Leonardo Dantas.

O que teriam deixado todas essas línguas e seus interlocutores como marcas culturais? O que ficou do tempo de Eckhout instaurado em nossas raízes?

Pernambuco vem se apresentando como uma rica colcha de retalhos de manifestações culturais, tanto por sua ocupação geográfica - do litoral ao alto Sertão nordestino, passando pela Zona da Mata e pelo Agreste - quanto pelas etnias que continuam e se multiplicam na ocupação de nosso solo. A consequência dessa diversidade é traduzida através de uma sociedade multiétnica e multissocial.

Negros, brancos, índios e mestiços de variadas procedências, trouxeram e pro-

duziram diferentes culturas transformando nosso Estado em um espaço multicultural, refletido em manifestações culturais heterogêneas. Valores estéticos, éticos, religiosos mesclam hábitos e costumes, línguas e canções, artesanatos, festas e credências.

O reconhecimento dessa heterogeneidade na formação cultural do povo brasileiro merece nosso respeito pelas diferenças e pela valorização de todas, sem privilégios e/ou menosprezo por nenhuma delas, reconhecendo as similaridades e especificidades entre os diferentes grupos.

Essa é a proposta para a abordagem do tema *Encontro das Culturas* a partir dos documentos etnográficos de Albert Eckhout.

***“Aquecimento”*: momento inicial de mapear desejos**

Buscando mobilizar os alunos para o tema e coletar suas hipóteses, sugerimos, como ponto de partida, duas pos-

sibilidades estruturadas a partir do estímulo fornecido pela produção cultural contemporânea.

Possibilidade 1

Ouvindo a música *Leão do Norte*, de Lenine e Paulo César Pinheiro

Primeiramente, proporcionando uma escuta atenta da música, levar os alunos à percepção da letra, da melodia e do ritmo. Em seguida, os alunos, organizados em grupos e utilizando o corpo como instrumento de percussão, recriam sonoramente a música que ouviram. A idéia é estimulá-los a produzir, através do corpo, os sons, os ritmos mais marcantes, além do próprio movimento-dançante motivado pela música.

Após a apresentação de cada grupo, é necessário um diálogo apreciativo sobre as criações, comparando quais são as semelhanças e diferenças.

Questões provocadoras

- Quais foram os ritmos e movimentos que vocês conseguiram construir?
- Identifique os mais utilizados e explique por quê.

Possibilidade 2

Olhando a linguagem da moda

A moda, entendida como linguagem visual, utiliza-se de referências culturais na sua produção, divulgando-se principalmente através de campanhas publicitárias

e reportagens. A proposta é aproximar os alunos do tema, discutindo sobre a presença de aspectos culturais nos ideais de beleza e modos de se vestir.

Pesquisando em revistas, jornais, catálogos de roupas e outros meios, coletar imagens que apresentem tipos diferenciados de roupas, cabelos, estampas de tecido e adornos.

Propor aos alunos que discutam as imagens coletadas, criando critérios de agrupamento, por exemplo: as influências africanas, européias, asiáticas, indígenas, etc. Em folha grande de papel, organizar, coletivamente, os agrupamentos.

Questões provocadoras:

- Quais os critérios usados para os agrupamentos?
- Quais influências culturais foram representadas na pesquisa?
- Por qual estilo de roupa os alunos têm preferência?
- A moda valoriza a cultura brasileira ou a cultura de outros lugares?

Refletindo sobre a avaliação diagnóstica

- Qual o significado e sentido de cultura para nossos alunos?
- Partindo do conceito de que somos indivíduos culturais, como os alunos se percebem como indivíduos culturais? O que eles conhecem sobre outros grupos culturais?
- O que eles conhecem do seu meio cultural?

- O que consideram distante da sua cultura?

Questões problematizadoras

- Existe cultura e/ou culturas? A cultura brasileira é única ou é plural?
- Como a cultura brasileira foi formada?
- Qual a relação entre cultura e etnia? E entre cultura e natureza?
- Há preconceitos e valorizações culturais no mundo contemporâneo?
- A diferença entre masculino e feminino nos papéis sociais é uma questão cultural? Como isso é percebido no cotidiano? E nas mídias?
- Cultura é folclore?
- Quais os aspectos que envolvem a cultura? Que particularidades são explicitadas em diferentes culturas?
- O modo de pensamento de uma cultura opera modificações no campo das artes — música, artes plásticas, cinema, teatro, dança, literatura. Por quê? Como?
- ...

Possíveis objetivos/conteúdos/conceitos

Reconhecendo que a cultura brasileira nasce e continua sendo gestada sob o signo de uma multiplicidade de referências e misturas, possibilitar aos alunos:

- Compreender, interpretar e explicar a cultura como produção da atividade humana.
- Analisar a formação da cultura brasileira face às influências de diferentes povos.
- Relacionar a cultura brasileira ao conceito de antropofagia.

Esses objetivos poderão ser desenvolvidos, a partir dos seguintes focos:

- A cultura como manifestação de idéias, imagens, hábitos, costumes e formas de viver a vida humana.
- A formação cultural brasileira: a construção pela contaminação entre índios, brancos e negros.
- O ritual antropofágico na cultura.
- Relações entre cultura e natureza.
- Cultura, língua e linguagem.
- Relações entre cultura popular e folclore.
- Cultura e globalização: relações do Brasil com o mundo.
- A moda, seu consumo e suas significações culturais.
- A arte e seus códigos como fonte de invenção cultural.

Continuidade do projeto: encaminhamentos potenciais

Para ler nas obras de arte

Lembre-se de que a leitura das obras de arte poderá acontecer em qualquer um dos momentos do desenvolvimento do projeto. Pensando a leitura como um caminho, a escolha está ligada aos caminhantes; ou seja, aos alunos e às suas necessidades de construção de sentidos sobre o tema.

Possibilidade 1

Lendo a pintura *Dança Tapuia*:

Questões provocadoras para discutir:

- Descreva o que você vê nessa imagem.
- Quais os elementos conhecidos? E os

desconhecidos?

- Onde se encontram as cores mais vibrantes neste trabalho?
- Como a sombra e a luz estão presentes nesta obra?
- Qual a cor predominante?
- Que relação existe entre a representação da pele do índio e da terra?
- Que sentimentos são revelados nas expressões e nos movimentos corporais do grupo?
- Como participam da cena as figuras femininas?
- Esta dança estaria ligada a algum ritual indígena?
- Quais os adornos usados pelo grupo? Esses adornos são usados atualmente? Por quem?
- Quais sensações a imagem provoca para quem a olha?
- Você se surpreende com os corpos desnudos do grupo? Por quê?

Sugestão: Exibir o filme *Xingu: a arte viva dos índios*, de Washington Novaes. Observar o cotidiano, os costumes, os rituais na cultura indígena e a presença da aculturação.

Possibilidade 2

Uma leitura comparativa entre três obras de Eckhout: *Mulher Tapuia*, *Servo com caixa de ouro*, *Cabaça, frutas e cacto*.

Questões provocadoras:

- Existem elementos comuns entre as três imagens? Quais?
- Quais são os gêneros de pintura (paisagem,

retrato, natureza-morta, etc.) dessas obras?

- Os tipos humanos representados pertencem a algum contexto sociocultural?
- De que região do Estado de Pernambuco são as frutas e os outros elementos representados?
- *Há uma relação entre a obra Mulher Tapuia e a antropofagia? Qual?*
- Como a linguagem estilística naturalista está presente nas pinturas de Eckhout?
- Qual era a função sociocultural da arte no tempo de Eckhout?

Sugestão: Exibir o filme *Guerra do Fogo* como ponto de análise e comparação com as imagens apreciadas, enfocando as relações do homem com a natureza e com a cultura.

Visitar a Funai e pesquisar acervo e formas de atuação enquanto instituição que lida com as questões indigenistas.

Possibilidade 3

Análise comparativa entre:

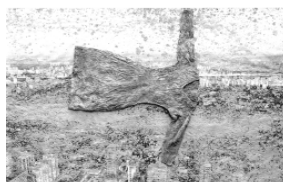
Dança Tapuia (Eckhout); *Roda de Samba* (Heitor dos Prazeres - 1958); *Canto do Palco Durante o Balé* (Edgar Degas - 1883).



Heitor dos Prazeres · *Roda de Samba*, Rio de Janeiro



Edgar Degas · *Canto do Palco durante o Balé*, 1883, Coleção Particular, EUA



Alex Flemming · *O eu só*, 1993, acrílica sobre tecido, 33 x 100 cm, Coleção Gilberto Chateaubriand, São Paulo



Anselm Kiefer · *São Paulo*, 1998, Técnica mista, 107 x 164 cm, Coleção Ricardo Akagawa

Questões provocadoras do olhar:

- Os assuntos abordados nas imagens apresentadas giram em torno de um mesmo tema?
- O que é similar entre as obras? O que é específico de cada uma?
- O modo como o corpo está representado sugere movimentos de quais ritmos? É possível perceber a música que está embalando os movimentos?
- A forma de representar a cena remete a contextos de tempo/espaço diferenciados?
- O que é possível perceber, através do segundo plano – cenários, paisagens –, sobre as relações sócio-históricas?
- As poéticas ou formas de representar dos artistas são diferentes? De que modo?

Possibilidade 4

Análise comparativa entre as obras: *Mameluca* (Eckhout); *São Paulo* (Anselm Kiefer - 1998); *O eu só* (Alex Flemming - 2001).

Questões Provocadoras do Olhar:

- Quais são os elementos comuns entre estas três imagens?
- As paisagens representadas têm alguma relação entre si?
- Através da forma e do conteúdo das imagens é possível identificar o tempo e o espaço da sua construção?
- Se você fosse escolher personagens para vestir as roupas e os adereços representados nas três obras, como os identificaria?
- Quais as relações que existem entre os títulos e as roupas visualizadas?

Para descobrir na visita à exposição

Preparação - Conversa com os alunos para a criação de focos do olhar sobre o tema *O encontro das culturas*.

Visitação - Relembrar os focos do olhar com os alunos, conversando com o monitor sobre o tema que estão pesquisando.

Volta da viagem - Registro posterior individual e/ou discussão em grupo.

Para pesquisar:

- Mapear quais são os frutos, as flores, as árvores de Pernambuco, agrupando as espécies por sub-regiões, conforme a área de origem e/ou o cultivo.
- Traçar um panorama da evolução da moda na sociedade, entendida como signo, relacionando com aspectos relevantes do contexto histórico e cultural. Pode-se focalizar a moda, desmembrando em moda masculina, moda feminina, moda infantil, chapéus, luvas, bolsas, sapatos, jóias, bijuterias, etc.
- Entrevistar artistas, artesãos e outras pessoas que atuam em meios culturais diversos, investigando sobre a profissão, o processo de criação, o modo de divulgação da produção, etc.
- Relacionar as diferentes culturas aos acervos de diversos museus — da Abolição, do Homem do Nordeste, do Estado de Pernambuco, Regional de Olinda, Mamam, etc.
- Investigar sobre a antropofagia como manifestação cultural, em diversos contextos históricos.
- Coletar vocábulos de diversas procedências que compõem a linguagem escrita e oral do povo brasileiro.

Para produzir

- Confeção de bonecos de papel vestidos com trajes típicos europeus, africanos e asiáticos. Discutir sobre a influência de cada uma dessas socieda-

des na maneira de vestir do povo brasileiro, através dos tempos, correlacionando com os grupos étnicos que compõem a nossa população. Concluir se houve o predomínio do costume de uma cultura sobre a outra e se ainda hoje isso acontece.

- Organizar diferentes formas de composição visual de natureza-morta através de colagem, utilizando imagens de frutos, flores, animais, etc
- Gravar em vídeo, diretamente da TV, imagens da programação televisiva: jornalístico, novelas, programas de auditório, infantis, de variedade, de humor. Discutir sobre a amostragem recolhida, girando em torno da questão: a TV revela ou oculta a pluralidade cultural brasileira? Produzir uma pesquisa de opinião junto as outras classes sobre a questão.
- Fazer leitura de obras do artista Roberto van der Ploeg, procurando identificar quais delas são releituras de obras de Albert Eckhout. Propor aos alunos novas abordagens (releituras, citação e/ou apropriação) a partir das obras dos dois artistas.



Roberto Ploeg: *Recife*, óleo sobre tela, 210 x 130 cm



Roberto Ploeg: *Adão e Eva e o Cão Chupando Manga*, óleo sobre tela, 210 x 260 cm

Propostas de finalização:

- Organizar um desfile de moda, com a criação de figurinos com referências de diferentes culturas, valorizando os signos que revelam as diversas culturas.
- Apresentação de coreografias criadas a partir de ritmos presentes em danças de diferentes grupos culturais.
- Elaboração de um painel em *assemblage*, utilizando objetos/elementos que representem diversas culturas.
- Organizar um debate sobre os resultados da pesquisa de opinião sobre a questão: A TV revela ou oculta a pluralidade cultural brasileira.
- Confeção de um dicionário contendo os vocábulos pesquisados e seus respectivos significados.

Avaliação:

A partir do portfólio desenvolvido durante o projeto, avaliar o processo vivenciado por alunos e professores, revendo as questões levantadas, as

ações e os resultados. Rever o item **A cartografia dos roteiros de viagem** pode ajudar para um olhar/analisar mais distanciado, como com um telescópio. O objetivo é que alunos e professores possam se apropriar do que planejaram e construíram, percebendo acertos e desacertos, identificando o que seria ou não repetido num próximo projeto.

Viajando com Eckhout e celebrando a natureza

As representações naturalistas de Albert Eckhout documentam a fauna, a flora e os tipos étnicos que habitavam Pernambuco no período nassoviano, época em que não se dispunha das facilidades de reprodução advindas com as técnicas da fotografia.

O talento desse pintor holandês foi utilizado, assim, para fazer um inventário iconográfico que registrasse para os habitantes do Velho Mundo as paisagens e o *modus vivendi* dos habitantes do Novo Mundo.

A exuberância da floresta em contraste com a caatinga, as formas, as cores e a intensa luz dos trópicos, que desde os primórdios da colonização extasiou os europeus, foram retratadas em telas de grandes proporções, que constituem um acervo de grande importância para os estudos e o entendimento daqueles tempos.

A celebração desses recursos, através da iconografia eckhoutiana, requer um olhar atento, investigativo sobre sua obra e sobre o espaço da natureza

e a cultura com que hoje convivemos, para refletir sobre o que foi documentado, idealizado e as transformações ocorridas até os dias atuais.

Analisando o legado de Eckhout sob o enfoque da natureza e refletindo sobre as relações dos homens entre si e as relações dos homens com o meio ambiente, propomos a comparação entre as diversas paisagens documentadas por ele, relacionando-as com o que hoje se conhece dos ambientes retratados, para levantar questões ambientais atuais como: devastação de mangues e da mata nativa, ameaças aos mananciais de água potável, ocupação desordenada do solo, disposição do lixo, mudanças climáticas, entre outros impactos antrópicos.

Dessa forma, o legado de Eckhout, que tanto serve para o deleite dos olhos, pode contribuir também para levantar as implicações éticas no tratamento que o homem vem dando ao meio ambiente.

É a partir desse enfoque que tematizamos a Celebração da Natureza.

“Aquecimento”: momento inicial de mapear desejos

Possibilidade 1

Vendar os olhos dos alunos e oferecer objetos relativos à natureza e à cultura (folhas, pedras, flores, frutas diversas, vagens, conchas, cascas de árvores, madeiras, especiarias, penas, tecidos, instrumentos musicais, cestaria, etc.) para serem manuseados e identificadas pela audição e pelo tato, olfato e/ou paladar.

Questões provocadoras:

- É importante que as questões sejam feitas com os alunos ainda com os olhos vendados.
- O que foi possível identificar através das texturas, das formas, dos pesos, dos cheiros, dos sons e dos sabores?
- É possível propor alguma classificação para esses elementos experimentados? Como poderia ser feita? Por quê?
- ...

Possibilidade 2

Partindo das obras de Eckhout, fazer uma leitura comparativa entre as obras *Frutas* (abacaxi, melancia, etc.) e *Negra*.



Albert Eckhout - *Frutas* (abacaxi, melancia, etc)

Questões provocadoras:

- O que é percebido de comum e de diferente nessas duas imagens?
- Como a natureza está representada nessas obras?
- O que, nessas imagens, não faz parte da natureza?
- Que elementos são conhecidos e desconhecidos?
- Como classificar os elementos da natureza e da cultura a partir dessas imagens?
- Como é percebida a relação homem-natureza nessas imagens?
- Na obra *Negra*, que atividade humana aparece ao fundo?

Possibilidade 3

Dividir a classe em dois grupos. Propõe a um grupo a discussão sobre a relação ciência-natureza e para o outro, sobre natureza-cultura. Promover um debate entre os dois grupos.

Questões provocadoras:

- Na relação homem-natureza, qual o papel da ciência?
- Qual a similaridade e a diferença entre ciência/natureza, natureza/cultura e entre ciência e cultura?
- Os avanços tecnológicos interferiram na natureza e na cultura? De que modo?

Refletindo sobre a avaliação diagnóstica

- Qual a reação dos alunos ao serem convidados a não utilizar o sentido da visão?

- Quais os conceitos de ciência e de cultura expressos pelos alunos?
- Quais relações foram estabelecidas entre homem, natureza, ciência e cultura?
- De que modo a tecnologia é percebida pelos alunos?
- Como os alunos se percebem enquanto seres da natureza e da cultura?

Questões problematizadoras

- O conceito de natureza é cultural e histórico. Qual a concepção de natureza no século XVII? Nessa concepção incluía-se o conceito de natureza humana e a percepção do outro?
- Quais as concepções científicas e respectivas ciências do século XVII?
- O conceito de ecologia foi estudado desde o século XVII ou é atual? A relação do homem com o ambiente naquele século era semelhante à que observamos hoje? Por quê?
- Quais as descobertas científicas do século XVII, e quais as de hoje nos campos da biologia, astronomia, física e química?
- Como a natureza é expressa nas produções artísticas do século XVII e na contemporaneidade no Brasil?
- Que artistas celebraram a natureza através das suas criações nos diversos campos da arte no passado e no presente?
- Todas as espécies animais e vegetais retratadas por Albert Eckhout se perpetuam até a presente data?
- As plantas pintadas por Eckhout são tropicais? Por quê?
- Como se dava a conservação dos alimentos no passado e no nosso tempo?

- De que modo ocorriam os tratamentos de doenças no século XVII e como acontecem hoje? Como a natureza era/é usada nesses tratamentos?

Justificativa/Objetivos

O legado de Albert Eckhout, ao documentar os tipos étnicos, a fauna e a flora, visualizadas pelo olhar de um pintor europeu naturalista do século XVII, poderá ser um excelente ponto de partida para refletir sobre o nosso meio ambiente de ontem e de hoje.

Utilizar o meio ambiente, natural e o representado através das imagens, como objetos de investigação e pesquisa, para a construção de conhecimento sobre as questões ambientais, contribuirá para a formação de uma consciência ecológica tão necessária para a preservação da vida no planeta Terra.

Conteúdos

- Conceito de natureza e natureza humana e suas inter-relações no século XVII e nos dias atuais.
- As ciências e suas concepções científicas no século XVII.
- Conceito de ecologia e a relação homem-ambiente numa perspectiva histórica.
- As ciências e seus campos de atuação no século XVII e nos dias atuais.
- Conceito de naturalista e naturalismo.
- Na arte: o naturalismo e o abstracionismo na representação da natureza.
- Arte contemporânea: o uso de materiais da natureza e dos detritos da sociedade.

- de no processo de produção das obras.
- A fauna e a flora nas obras de Eckhout.
 - Os alimentos e suas técnicas de conservação.
 - Doenças e suas formas de tratamento: da fitoterapia à alopatia.

Continuidade do projeto: encaminhamentos potenciais

Para ler nas obras de arte

Possibilidade 1

Apresentar as obras *Vertumnus* (cerca de 1590) e *Ar* (sem datação) de Arcimboldo e propor leituras comparativas com as obras *Frutas (abacaxi, melão, etc.)* e *Negra* de Albert Eckhout.

Questões provocadoras para discutir:

- Que elementos são comuns nas obras dos dois artistas?
- Quais os vegetais que estão presentes nas imagens? Seria possível classificá-los? E quanto aos animais?



Giuseppe Arcimboldo - *Vertumnus*, 1590, Óleo sobre madeira, 70,5 x 57,5 cm, Balsta, Suécia
 Giuseppe Arcimboldo - *Ar*, não datado, Óleo sobre tela, 74,5 x 56cm, Coleção Particular, Basiléia

- Qual a forma de maior tamanho em cada uma das imagens?
- Como a sombra e a luz se apresentam nessas imagens?
- É possível reconhecer algumas frutas representadas nas obras de Eckhout e de Arcimboldo como produzidas em alguma região do Estado de Pernambuco?
- O que é desconhecido nas imagens de Arcimboldo? Por quê?
- Que sensações e pensamentos as obras de Arcimboldo provocaram?
- Como a realidade está expressa nas obras de Eckhout e Arcimboldo?
- Teriam utilizado, os artistas, a memória, a observação ou a imaginação?
- Para você, o que as obras comunicam? No que elas nos fazem pensar?

Possibilidade 2

Leitura comparativa entre as obras de Eckhout: *Negra*, *Mameluca* e *Homem Tupinambá*.



Albert Eckhout - *Negro e Homem Tupinambá*

Questões provocadoras do olhar:

- Quais paisagens geográficas você identifica nessas imagens?
- Na parte inferior esquerda do quadro *Homem Tupinambá*, Eckhout representou um rio que corre em curvas sinuosas chamadas de *meandros*, tal qual o Rio Capibaribe, quando corta a planície do Recife. Que relação pode se fazer entre esse rio e o Capibaribe hoje?
- A cor, o formato e o tamanho das nuvens podem nos dar indicações do tempo meteorológico. Tomando como base os céus pintados por Eckhout, qual seria a previsão do tempo em cada cena representada?
- Como a luz está refletida nas imagens? O foco de luz está mais evidente nas figuras ou no fundo? De que forma?
- Os diferentes tons de verde das paisagens de fundo bem como as formas que se distribuem nos espaços representados indicam variações na cobertura vegetal. Quais seriam as áreas cultivadas? Por quê?
- A floresta tropical ou Mata Atlântica dominava quase toda a faixa costeira do Brasil. Por que será que na pintura *Mameluca* floresta tropical aparece só em pequenas áreas? Houve alguma intenção do autor ou ele retratou a realidade da época?

Para descobrir na visita à exposição

Preparação - Conversa com os alunos para a criação de focos do olhar sobre o tema *natureza*.

Visitação - Relembrar os focos do olhar com os alunos, conversando com o monitor sobre o tema que estão

pesquisando.

Volta da viagem - Registro posterior individual e/ou discussão em grupo.

Para pesquisar

- Investigar os artistas cujas obras estão sendo indicadas como objeto de leitura comparativa com as obras de Albert Eckhout, focalizando seus contextos e poéticas.
- Propor um estudo sobre o abstracionismo como forma de representação da natureza, através do grafismo indígena e das produções de artistas modernos e contemporâneos.
- Investigar formas de “celebração da natureza” nas produções de diferentes linguagens e modalidades artísticas.
- Investigar que artistas contemporâneos trabalham com a questão do meio ambiente, cercando o processo de criação e os materiais que utilizam.

Para produzir

- Desenvolver um projeto sobre o Rio Capibaribe durante a ocupação holandesa, fazendo um paralelo com os dias atuais. Fazer comparações com os outros rios. Investigar em que parte do rio pode haver mais poluição (nascente, foz, próximo às cidades, próximo às plantações). Pedir que os alunos incluam entrevistas com pessoas mais velhas, para lhes informar como era, no seu tempo, o Rio Capibaribe, e comparar com os dias de hoje, verificando o que permaneceu e o que mudou nesse rio ao longo do tempo. Concluir o projeto com os cuidados que

se deve ter para evitar que os rios fiquem poluídos e as águas se tomem imprestáveis para o uso das pessoas.

· A partir do estudo feito sobre o abstracionismo e o grafismo indígena, elaborar composições visuais, tomando a natureza como fonte de inspiração e pesquisa.



Franz Krajcberg - *Flor do Mangue*, 1973, Madeira, 320 x 900 cm, Nova Viçosa, Bahia

· Propor uma leitura comparativa entre a obra *Flor do Mangue* (1973) de Frans Krajcberg e uma das naturezas-mortas de Albert Eckhout. Discutir sobre o conceito de *natureza-morta* na obra de cada um dos artistas. Encaminhar a elaboração de produções artísticas, tendo como matéria-prima elementos descartados pela natureza.

· Utilizando o desenho de observação, elaborar produções artísticas bi e tridimensionais, representando os elementos da natureza e/ou paisagens presentes no seu contexto. Um dia claro, com o céu azul e nuvens brancas, indica tempo bom, sem chuvas. Um céu com muitas nuvens cinzentas, ao contrário, prenuncia tempo chuvoso. Monte com seus alunos uma tabela com os seguintes dados: tempo bom, tempo nublado e os dias do mês. A cada dia um aluno será encarregado de obser-

var o céu, sempre na mesma hora, marcando a tabela no lugar correspondente. A critério do professor(a), essa tabela poderá conter desenhos ou palavras. No fim do mês, analise com os alunos qual o tempo que predominou e que hipóteses eles têm para as transformações ocorridas. Produzam uma síntese coletiva do estado do tempo do mês estudado, para comparar com os meses seguintes. Repita esse procedimento, a cada mês, ao longo do ano letivo, discutindo com os alunos o motivo das transformações na atmosfera, relacionando-o às estações do ano.

· Fórum de debates sobre as questões ambientais e elaboração de um manifesto de celebração da natureza.

· Leitura, análise e reflexão sobre o Artigo 25 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, relativo ao *Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais* (Pidesc).

Propostas de Finalização

· Apresentação dos trabalhos por equipes, na sala de aula, seguindo para apresentações entre as salas da escola e da escola para a comunidade.

· Participação em publicações (elaboradas nas escolas, revistas, jornais, etc.).

· Painéis que contam a história do projeto.

· Grafitagem nos muros da escola a partir do tema: *Celebrando a natureza*.

· Divulgação do texto do *Manifesto de Celebração da Natureza* na escola e na comunidade, através de sua distribuição, de panfletos e/ou discurso oral dos alu-

nos, recolhendo assinatura de adesão após a leitura, escuta e aceitação do mesmo.

Avaliação

Propõe-se para o processo de avaliação a criação conjunta, entre professor e alunos, de critérios de avaliação. A construção do portfólio, realizado durante o desenvolvimento do projeto, permite visualizar os passos, os conteúdos trabalhados, as idéias desenvolvidas e aquelas que foram abandonadas no percurso.

Embora a avaliação se dê antes, durante e no final do processo, é no momento final que se sistematizam os caminhos percorridos. Volte a ler *A Cartografia dos Roteiros de Viagem* para rever os passos e as decisões tomadas. Talvez a avaliação aponte para a construção de um novo projeto, ampliando questões surgidas nesse rico momento.

Diário de bordo a memória da viagem

Mas as coisas findas/muito mais que lindas/essas ficarão.

Carlos Drummond de Andrade

Individual ou coletivo, um diário de bordo pode contar toda a história, revelando como fomos capturados pelas obras, pela vida e pelo tempo de Albert Eckhout. Um espaço para marcarmos o que aprendemos sobre o passado, o que percebemos sobre o presente e o que desejamos para o futuro.

São com esses diários de bordo, com o que conseguimos recolher e com o que produzimos, que podemos marcar a memória de nossa viagem e avaliá-la, considerando nossas descobertas, nossos acertos e os caminhos que poderiam ser trilhados de modo diferente.

Como álbum de fotografias que amorosamente guardamos ou como um portfólio de um artista, essas memórias se condensam nas mãos de educadores, que, como cartógrafos, mapearam possibilidades, descobriram lugares pouco explorados, percorreram atalhos provocadores, encontraram trilhas e clareiras.

Professores-cartógrafos que tenham uma bússola composta de ousadia, cria-

ção e conhecimento. Que levem em suas mochilas boas lentes para a observação, caderno para diário de bordo e material para registro, seja máquina fotográfica, gravador ou mesmo suas canetas. Professores-cartógrafos leitores e mediadores que criem viagens-projeto que possam convocar, aguçar e materializar o olhar/corpo sensível e pensante dos alunos. Cartógrafos—professores—pesquisadores que descubram diferentes modos de abordar, compreender e refletir sobre a cultura e a arte brasileira, entrelaçando relações com o Brasil, sobre *ser brasileiro*.

Desejamos que, como professores-viajantes, possamos viver percursos poéticos inventivos, sensíveis e provocantes para o aprender e o ensinar de novos olhares sobre a arte, a cultura, a ciência e a vida, capturados pelas obras de Albert Eckhout.

Academicismo · Nome dado ao estilo de arte produzida por artista com formação nas Academias — Escolas de Belas Artes, na qual os padrões estéticos obedecem a regras rígidas de composição.

Alex Flemming · Artista brasileiro, nascido em São Paulo, em 1954, que mora na Alemanha. Em seu trabalho, transita da pintura à fotografia como do objeto ao texto. A roupa, na sua obra, sai do universo pessoal e cotidiano para se tornar arte-objeto.

Alopatia · Sistema ou método de tratamento em que se empregam remédios que, no organismo, provocam efeitos contrários aos da doença em causa.

Alteridade · Natureza ou condição do que é outro, do que é distinto. Estado ou qualidade que se constitui através de relações de contraste, distinção, diferença.

Anselm Kiefer · Pintor alemão, nascido em 1945, em Born. Sua produção

se caracteriza por enormes pinturas, utilizando imagens fotográficas e desenvolvendo símbolos visuais que comentam aspectos trágicos da história cultural humana. Em suas paisagens, há a presença física de objetos e o uso da perspectiva e de texturas de modo incomum. Seus temas incluem referências à história dos hebreus e egípcios. Na obra *Lilith*, o artista apresenta o caos urbano de São Paulo, lugar que ele chama de *Lilith*, referência à mitológica mulher-demônio primordial.

Antrópicos · Relativo ou pertencente ao homem ou ao seu período de existência na terra; relativo às modificações provocadas pelo homem no meio ambiente.

Antropofagia Modernista · Pensamento filosófico que fundamentou a Semana de Arte Moderna (1922) e o Manifesto Antropofágico (1928), que propunham uma ruptura com padrões estéticos e comportamentais importados da cultura europeia e impostos; para defender uma estética nacional decorren-

te da ingestão/digestão de diversas culturas no processo de criação artística.

Arcimboldo · Giuseppe Arcimboldo (1527-1593) nasceu em Milão no mesmo ano em que Roma foi conquistada e saqueada pelos mercenários de Carlos V. Além de usar com frequência frutas e legumes para criar os seus retratos, Arcimboldo era também conhecido por utilizar vasos, panelas e até ferramentas para criar suas imagens misteriosas. Suas pinturas foram consideradas um tanto malucas, embora tenham sido imitadas com certa frequência. Ele só se tornou popular quando os surrealistas o reconheceram como um colega artista, que gostava de fazer trocadilhos visuais.

Arte-objeto · Utilização de qualquer objeto, material, matéria-prima, pré-fabricado ou produto industrial como obra de arte. A atividade do artista desloca-se da manufatura da obra para o ato de escolher um objeto compatível com o suporte de uma idéia.

Artigo 25 do Pidesc · “Toda pessoa tem direito a um padrão de vida adequado à saúde e ao bem-estar, nisso estão incluídos alimentação, vestuário, habitação, assistência médica e os necessários serviços sociais.”

Assemblage · Composição artística com retalho de papel ou tecido, objetos descartados, pedaços de madeira, pedras, etc.

Edgar Degas · Pintor francês nascido em 1834, iniciado na pintura acadêmi-

ca, mas influenciado pela proposta impressionista. O tema mais recorrente nas suas obras foi a dança, pintando bailarinas ensaiando, dançando, amarrando sapatilhas ou repousando. Degas sofreu durante 30 anos, com sérios problemas de visão, o que é evidenciado em muitas de suas obras. Morreu em 1917 aos 83 anos.

Especiarias · Conjunto de temperos (cravo, canela, pimenta-do-reino, cominho, noz-moscada, baunilha, etc.) que os europeus traziam de terras distantes, especialmente da Índia, do sudeste asiático, da África.

Etnia · Coletividade de indivíduos que se diferencia por sua especificidade sociocultural, refletida principalmente na língua, na religião e nas maneiras de agir.

Etnografia · Estudo descritivo das diversas etnias, de suas características antropológicas, sociais, etc.

Fitoterapia · Tratamento ou prevenção de doenças através do uso de plantas.

Frans Krajcberg · Nasceu na Polônia em 1921, é naturalizado brasileiro. Inicialmente radicado em São Paulo, residiu depois no Paraná e Rio de Janeiro, hoje habita no sul da Bahia, divisa com o Espírito Santo, em uma reserva ecológica preservada por ele mesmo. Sua obra, no início figurativa, tornou-se abstrata. Começou trabalhando como pintor, procurando, nas rochas e terras coloridas de Minas Gerais, os pigmentos

com os quais preparava as tintas para suas telas. Como escultor, Krajcberg usa grossos cipós recolhidos em Mato Grosso, nas florestas devastadas pelo fogo, ou troncos de árvores tiradas dos mangues, já mortas pela ação das plantas parasitas, restaurando suas vidas.

Funai · Fundação Nacional do Índio, é um órgão do Governo Federal, que tem a incumbência de tratar as questões dos povos indígenas.

Heitor dos Prazeres · Carioca, nascido em 1898. Seus conhecimentos deviam-se a sua avó e ao seu pai que era marceneiro e tocava clarinete. Trabalhou como sapateiro, mas, como era bastante atraído pela música, rondava pelas ruas fazendo serenatas e compondo músicas e letras. Compôs para a Portela e a Mangueira, fez parceria com Noel Rosa, consagrando-se como compositor. A partir de 1937, passou a pintar “para enfeitar parede” e gradativamente foi se firmando no campo das artes plásticas, tematizando: ensaios, serenatas, cirandas, negras gingando, etc.; que sempre fizeram parte do seu universo, utilizando uma poética primitivista, até sua morte em 1966.

Ícone · Signo que apresenta uma relação de semelhança ou analogia com o objeto que representa.

Iconografia · Estudo descritivo da representação visual de símbolos e imagens tal como se apresentam nos quadros, gravuras, estampas, medalhas,

efigies, retratos, estátuas e monumentos de qualquer espécie, sem levar em conta o valor estético que possam ter.

Impressionismo · Movimento artístico, surgido na segunda metade do século XIX, que busca captar as impressões de luz, cor e forma, através do emprego mais livre e pessoal dos materiais de pintura, diluindo os contornos e abolindo os tons sombrios.

Mameluca · Mestiça de branco europeu com nativa da América (“índia”).

Modesto Broccos y Gomes · Pintor, gravador e professor, nascido em 1852. Iniciou seus estudos artísticos na Espanha. Foi para Buenos Aires em 1871, onde trabalhou como gravador. Chegou ao Brasil em 1872. Trabalhou como gravador e ingressou na Academia Imperial de Belas-Artes em 1875. Estudou, entre outros, com Zeferino da Costa e Victor Meirelles. Foi para Paris, apresentando-se em salões oficiais. Viajou para Roma como bolsista do governo espanhol e retornou ao Brasil em 1891. Foi nomeado professor da Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro. Faleceu em 1936.

Poética · Deriva histórica e semanticamente do grego *poíésis*, criação. Relativo à linguagem pessoal de cada artista.

Primitivista · Tendência artística que busca seus modelos na ingenuidade de forma e expressão dos povos primitivos. Incorporada a partir dos anos 30

ao Movimento Modernista por pintores autodidatas, que utilizavam intensas cores nas formas simples de representar cenas do dia-a-dia, paisagens e festas populares e religiosas.

Raça · Conjunto de indivíduos cujos caracteres somáticos, tais como a cor da pele, a conformação do crânio e do rosto e o tipo de cabelo, são semelhantes e se transmitem por hereditariedade, embora variem de indivíduo para indivíduo.

Rap · Gênero de música popular urbana, que consiste numa declamação rápida e ritmada de um texto, com alturas aproximadas.

Roberto van der Ploeg · Artista holandês radicado há vinte anos no Estado de Pernambuco. Aqui chegou com o objetivo de fazer um mestrado em Teologia e trabalhar em educação popular. Em meados de 1980 foi residir na cidade de Olinda, entrando em contato com a comunidade artística da “cidade alta”, onde passou a frequentar cursos, oficinas e ateliês de artes plásticas. Fez sua primeira exposição individual em 1996. Estudioso da obra pictórica de Albert Eckhout, produz releituras com fortes características de crítica social.

Rosana Paulino · Negra, nascida em 1967, no interior de São Paulo, em uma família simples, desiste de cursar Biologia após ter prestado vestibular na Unicamp, para se dedicar às artes plásticas. Em seu trabalho, trata de temas como violência, racismo e sexo.

Fala da feminilidade com imagens de mulheres negras. Usa como modalidades a pintura, serigrafia, recortes e a costura. “Minha mãe sempre costurou para fora” – diz ela, referendando o seu trabalho, pois opta por trabalhar com questões que mexem com seu universo pessoal.

Tereza Costa Rego · Nasceu no Recife e começou a pintar ainda criança. Aos quinze anos ingressou no curso de pintura na Escola de Belas-Artes. Expôs pela primeira vez no Museu do Estado de Pernambuco, obtendo o primeiro prêmio. Hoje mora na cidade de Olinda, onde possui um ateliê na Rua do Amparo. Em comemoração aos 500 anos do Brasil expôs a mostra *As Sete Luas de Sangue* no Museu de Arte moderna Aluizio Magalhães (Mamam), abordando sete momentos ou circunstâncias históricas do Nordeste, em que a luta pela liberdade e pelos direitos do homem foram o estopim da morte.

Vik Muniz · Paulista, nascido em 1961, morando atualmente em Nova York. Começou trabalhando como publicitário, emergindo para o campo das artes visuais através do desenho e da fotografia. Transita entre o desenho e a pintura, utilizando materiais simples, como grafite; ou materiais sensuais, como chocolate; doces, como o açúcar; ásperos, como a terra; e leves, como o algodão, reinventando imagens veiculadas em diversas mídias e fotografando os resultados dessas reconstruções.

Wellington Virgolino · Nasceu no Recife, no ano de 1929. Pintor, gravador e escultor, expõe seus trabalhos desde a década de 50, quando ao lado de outros importantes artistas, integra o ateliê coletivo da Sociedade de Arte Moderna do Recife. Possuindo uma linguagem própria e inimitável, pinta figuras humanas com grandes olhos ovalados, envoltas num mar de texturas e cores intensas. A obra *O Paraíso* faz parte de uma série de quadros inspirados em episódios do Velho Testamento.

Bibliografia Recomendada

- ACOT, Pascal. *História da ecologia*; Trad. Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- ALPERS, Svetlana. *A arte de descrever: a arte holandesa no século XVII*. São Paulo: Edusp, 1999.
- ANTUNES, Celso. *Um método para o ensino fundamental: o projeto*. Vozes, 2001.
- BARBOSA, Ana Mae. *A Imagem no Ensino da Arte*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BORGES, Regina M. Rabello. *Em debate: cientificidade e educação em ciências*. Porto Alegre: SE/Cecirs, 1996.
- CAMARGO, Aspásia, KPOBIANCO, João Paulo R., OLIVEIRA, José Antonio P. *Meio ambiente Brasil – avanços e obstáculos pós Rio-92*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- DIAS, Genebaldo F. *Pegada ecológica e sustentabilidade humana*. São Paulo: Gaia, 2002.
- FARIAS, Aguinaldo. *Arte Brasileira Hoje*. São Paulo: Publifolha, 2002.
- FERRÃO, Cristina, SOARES, José Paulo Monteiro (eds.). *Brasil holandês*. Rio de Janeiro: Index, 1997.
- HERNANDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- HERNÁNDEZ, Fernando. *Trasgressão e mudança na educação*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- HERNÁNDEZ, Fernando, VENTURA, Mont-serrat. *A organização do currículo por projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MARTINS, Mirian Celeste. Mediação: tecendo encontros sensíveis com a arte. In: *ARTEunesp*. São Paulo, 13: 221-234, 1997.

____ O sensível olhar-pensante: premissas para a construção de uma pedagogia do olhar. In: *ARTEunesp*, São Paulo: 9: 199-217, 1993.

____ PICOSQUE, Gisa, TELLES, M. Terezinha. *A língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD, 1998 (Coleção Didática do Ensino).

MUDANÇA EDUCATIVA E PROJETO DE TRABALHO. *Cultura Visual*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

O Brasil e os Holandeses - 1630-1654. Organizado por Paulo Herkenhoff. Rio de Janeiro: Sextante Artes, 1999.

OLIVEIRA, Ana Cláudia de. Convocações multissensoriais da arte do século XX. In: PILLAR, Analice Dutra (org). *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

OTT, Robert William. Ensinando crítica nos museus. In: BARBOSA, Ana Mae. *Arte-educação: leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez, 1997.

PAREYSON, Luigi. *Os problemas da estética*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

PARSONS, Michael. *Compreender a arte*. Lisboa: Presença, 1992.

____ Mudando direções na arte-edu-

cação contemporânea. *A compreensão e o prazer da arte*. 5º Encontro, São Paulo, SESC/Vila Mariana, 1998.

PENNA, Sérgio D. J. (org.) *Homo brasilis*. Ribeirão Preto: Funpec, 2002.

ROSSI, Maria Helena Wagner. A compreensão do desenvolvimento estético. In: PILLAR, Analice Dutra (org). *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Mediação, 1999. ____ A compreensão das imagens da arte. In: *Arte & educação em revista*. Porto Alegre. 1: 27-35, 1995.

____ A compreensão das imagens da arte. In: *Arte & educação em revista*. Porto Alegre. 1: 27-35, 1995.

TEIXEIRA COELHO. *Dicionário crítico de política cultural*. São Paulo: Iluminuras, Fapesp, 1999.

VALLADARES, Clarival do Prado e MELLO FILHO, Luiz Emygdio. *Albert Eckhout: a presença da Holanda no Brasil, século XVII*. Rio de Janeiro: Edições Alumbramento, 1989.

Arte e Ciência no Brasil holandês

Elly de Vries

Contexto Histórico

No final do século XVI, a Holanda desenvolvia-se rapidamente nos campos da cartografia, da construção naval e dos instrumentos de navegação, começando a participar da conquista de novos territórios, ao lado de portugueses e espanhóis.

Em 1580, com a união das coroas ibéricas, que duraria até 1640, o Brasil passara a ser domínio espanhol. **Em 1581**, a Holanda, dominada pela Espanha desde 1551, declarou-se uma república independente, tendo combatido Madri até 1648 (com uma trégua entre 1609 a 1621).

Em 1602, foi fundada a Companhia das Índias Orientais (WOC), rapidamente transformada numa grande fonte de riqueza para a Holanda, que, incentivada pelo sucesso do empreendimento, fundou, em **1621**, a Companhia das Índias Ocidentais (WIC). Tão importante quanto o comércio de açúcar e pau-brasil e a implantação de colônias agrí-

colas — visando o domínio sobre a produção do açúcar — era a pirataria, outro objetivo da Companhia. Ao fim da trégua de doze anos, entre 1609 e 1621, a Holanda voltaria a atacar o inimigo, não somente nos seus próprios territórios (BR território esp.) como também nos mares, corseando a carga de navios que retornavam carregados à Espanha. Ao bloquear a entrada dessas riquezas, dificultava-se o financiamento da guerra deste país contra a Holanda. Um ponto estratégico de onde a pirataria facilmente poderia ser organizada era a costa do Nordeste brasileiro.

Do ponto de vista econômico, a costa brasileira era particularmente atraente. Após uma tentativa frustrada de tomar Salvador, na Bahia, em 1624-1625, a Companhia passou a empenhar esforços para conquistar Pernambuco — região igualmente favorável, devido ao cultivo da cana-de-açúcar.

Em 1628, os holandeses capturaram uma importante carga de navios espanhóis, o que lhes permitiu investir no

equipamento de uma nova esquadra para invadir o Brasil. Dessa forma, **em 1630**, os holandeses capturaram Olinda, firmando-se assim no Brasil e cuidando logo de expandir seu território, de modo que uma razoável extensão da costa do Nordeste brasileiro ficasse sob seu domínio.

Em 1636, os diretores da WIC decidiram enviar ao Brasil um governador-geral que consolidasse o poder nos territórios conquistados, aumentando a produção de açúcar e, conseqüentemente, os lucros da Companhia. A escolha recaiu sobre um jovem oficial de apenas 32 anos, João Maurício de Nassau-Siegen.

O Conde de Nassau (em 1652, príncipe) nasceu em 1604, em Dillemburg, Alemanha. Por parte de pai, tinha parentesco com a família real holandesa e, pelo lado materno, com a corte dinamarquesa. Após estudos nas Universidades da Basileia e de Genebra, Nassau estudou em Kessel, na Alemanha, onde começou a interessar-se por artes e ciências. Por volta de 1620, iniciou carreira militar em Haia, alistando-se mais tarde no exército holandês, quando veio a adquirir certa fama nas batalhas contra os espanhóis. Confiando nas suas capacidades administrativas e habilidades militares, a Companhia designou-o como seu representante e governador.

A partir de então, é interessante notar como a administração de Nassau desenvolveu-se a partir de um conceito bas-

tante diverso do adotado pela maioria de seus contemporâneos que iam para o Oriente. Isso fica evidente logo de saída, quando da escolha dos integrantes de sua comitiva, constituída não somente dos soldados e oficiais de praxe, mas também de cientistas e artistas. Entre estes encontravam-se os cientistas Willem Piso (ou Pies) e Georg Marcgrave e os artistas Albert Eckhout e Frans Post. É sobre o trabalho inestimável realizado por essas pessoas no Brasil, no século XVII, que falarei no próximo bloco.

Durante sua estada de quase oito anos no Nordeste, Maurício de Nassau construiu dois palácios — o Friburgo e o Boa Vista —, diques, pontes, praças, bem como concebeu uma nova cidade, a “Cidade Mauritia”. É interessante salientar que esses feitos não encontram paralelo em nenhum outro território ocupado pelos holandeses.

O Palácio Friburgo era também conhecido como *Palácio das Duas Torres*, ambas utilizadas por Marcgrave como observatórios astronômicos. Nassau fez com que ali fosse também instalado e organizado um jardim zoológico e botânico, com todos os tipos de animais e plantas encontrados na região. Muitos desses animais eram presenteados a Nassau por moradores e colonos de localidades mais afastadas.

Torna-se, pois, evidente aqui o papel de Maurício de Nassau como mecenas das artes e da ciência no Novo Mundo — um

príncipe colonizador humanista —, já que, ao longo de sua estada no Brasil, foram incentivados e realizados estudos em diversas áreas do conhecimento, tais como a zoologia, a botânica, a etnologia, a cartografia e a astronomia.

Do ponto de vista político e econômico, a situação começou a deteriorar-se rapidamente **depois de 1640**, quando os portugueses tomaram-se novamente independentes da Espanha, voltando a preocupar-se com seus domínios no Brasil.

Maurício de Nassau insistiu várias vezes para que os diretores da Companhia lhe enviassem mais recursos para expandir suas forças militares. Suas requisições, no entanto, não foram ouvidas, em parte devido a problemas financeiros que a Companhia então enfrentava, em parte porque pendia sobre ele a suspeita de ser um esbanjador que se ocupava de empreendimentos elitistas às custas da Companhia, sem visar lucros para a mesma.

Em 1644, Maurício de Nassau retornou à Holanda. **Em 1654**, Pernambuco rendeu-se aos portugueses. **Em 1661**, a Companhia, num acordo, abriu mão de todos os seus direitos sobre o território.

Cientistas e artistas no Brasil holandês

Sob o patrocínio e orientação de Maurício de Nassau, trabalharam aqui dois artistas — Frans Post e Albert Eckhout — e dois cientistas — Guilherme Piso e

Georg Marcgrave. Todos jovens, com idades que variavam de 25 a 27 anos.

Guilherme Piso era médico pessoal de Maurício de Nassau e desenvolveu aqui um valioso estudo das plantas e suas atribuições medicinais.

Georg Marcgrave, alemão, era médico, astrônomo, cartógrafo, matemático e naturalista; estudara na cidade de Leiden, após ter freqüentado já nove universidades na Alemanha. Era um desses cientistas multidisciplinares e encontrou no Brasil um campo ilimitado para sua pesquisa.

O trabalho realizado por Piso e Marcgrave resultou, após o regresso à Holanda, na publicação do livro *Historia Naturalis Brasiliae* em 1648, editado por Johannes de Laet sob o patrocínio do próprio Maurício de Nassau. É importante mencionar que se trata de uma obra subdividida em oito volumes: os três primeiros tratam das plantas; o quarto, dos peixes; o quinto, das aves; o sexto, dos quadrúpedes e serpentes; o oitavo, da região e de seus habitantes, incluindo-se neste um apêndice sobre os tapuias e chilenos. Os dados científicos contidos na obra foram principal fonte de pesquisa no campo da ciência natural para espécies da flora e fauna brasileiras, até o final do século XVIII, sendo somente então suplantados.

Os resultados artísticos da estada de Nassau e sua equipe no Brasil não foram menos impressionantes.

Albert Eckhout, que veio como retratista, debruçou-se também sobre a fauna e a flora. Muitos desses desenhos foram mais tarde aproveitados como base para as xilogravuras do livro HNB, bem como para a composição de quadros e tapeçarias.

Para analisar as principais obras de Albert Eckhout, observemos os retratos de quatro casais, que hoje pertencem ao acervo do Museu Nacional da Dinamarca, a saber:

Homem - Mulher Tapuia
Homem - Mulher Tupinambá
Mestiço - Mameluca
Negro - Negra

Esses quadros têm 2,60 metros de altura e retratam as várias etnias residentes no Brasil à época, bem como aspectos da miscigenação de raças. Os retratos impressionaram, a princípio, pelo tamanho e, a seguir, pela notável e detalhada observação etnográfica dos tipos humanos. Representam etnias ao mesmo tempo em que exibem a riqueza e exuberância de pormenores botânicos e zoológicos.

Nunca antes os povos americanos foram vistos e tratados com a dignidade conferida a essas figuras pelos artistas.

Ospainéiscomfrutas

As naturezas-mortas de Eckhout mostram a riqueza das frutas tropicais e revelam uma postura quase didática do artista em relação ao objeto retratado.

Tapeçarias

São conhecidas como a *Série das Índias*. Consiste de oito temas básicos, baseados originalmente nos desenhos de Eckhout, e confeccionada pela Manufacture de Gobelins, na França, de 1687 a 1730. Quando os cartões ficaram desgastados pelo uso constante, foram encomendados novos cartões ao artista francês François Desportes. Essa nova série estabeleceu uma relação de distinção com a antiga, passando a ser, ambas, conhecidas como *Anciennes Indes* e *Nouvelles Indes*. A segunda série foi confeccionada entre 1740 e 1786.

Frans Post, paisagista, foi incumbido de documentar os cenários rurais e urbanos, os palácios, as fortificações militares, etc. Seu trabalho está inserido no contexto da pintura de paisagem na Holanda do século XVII. Ele filtra a paisagem brasileira com seu modo holandês de ver e pintar. São reconhecíveis em suas obras os mesmos recursos de enquadramento e perspectiva da tradição holandesa. Tendo feito muitos desenhos aqui, retratando ora uma capela, ora um engenho, ao retornar para a Holanda, ele se utiliza desse material com liberdade na composição dos cenários, não obrigatoriamente representando situações reais.

Quando Maurício de Nassau volta à Holanda, Eckhout e Post acompanharam-no e, durante certo tempo, ainda trabalharam para ele, seguindo mais tarde suas carreiras independentes, mas

sempre retrabalhando os temas brasileiros, o que demonstra o quanto a experiência tornou-se significativa, um verdadeiro marco na carreira de ambos.

Morando na Mauritshuis, em Haia, Nassau colhia os frutos de sua missão no Brasil. Primeiro, financiou a publicação do livro de Gaspar Barléu, *Rerum per Octenium in Brasiliae* (1647), contendo um relato dos feitos praticados durante sua estada. Em seguida, publicou o livro, já citado, de Piso e Marcgrave, *Historia Naturalis Brasiliae* (1648).

Em 1652, Nassau entrou para o serviço de Frederico Guilherme I, eleitor de Brandemburgo. Sua coleção começou, então, a espalhar-se pela Europa, por meio de presentes que oferecia em troca de retribuições que lhe conferissem “status” ou alguma recompensa financeira.

O primeiro presente foi feito em 1652, quando, além dos desenhos, Nassau entregou pinturas, móveis e artefatos ao eleitor de Brandemburgo. O segundo presente foi enviado, em 1654, ao Rei Frederico III da Dinamarca. O presente constava de 26 pinturas a óleo e objetos. A última transação aconteceu em 1679, quando Nassau enviou, a Luís XIV, os cartões de Eckhout para confecção de tapeçarias, quadros de Frans Post e objetos.

Desse modo, por muito mais de trinta anos após seu retorno à Europa, sementes dos frutos dos anos brasileiros espalharam-se pelo Velho Continente,

que, já há muito, vinha provando de seu caráter de novidade e exotismo. Os ecos da repercussão que esse material provocou no campo das artes e das ciências permanecem inscritos no tempo, como prova de uma experiência sem paralelo na história da colonização do Novo Mundo.

Lendo a Linha do Tempo

Roberta Rodrigues Aymar

Uma das primeiras formas de consciência do indivíduo é a consciência do tempo. Não há uma só fração do tempo na história da humanidade, em que a preocupação com a sua fluidez não tenha perseguido, incômoda e perturbadoramente, a espécie humana, uma vez que sua incessante fluência impõe a irremediável interrogação sobre a finitude do ser.

É através do registro, da medida (contagem) e da contextualização que, de certa maneira, se efetiva uma espécie de catarse do indivíduo em relação à consciência da supremacia do tempo sobre sua existência. Existem outros tipos de catarse, como, por exemplo, os viabilizados pelo desenvolvimento técnico-científico (telecomunicação, telemática, engenharia genética, física quântica, etc.).

As artes também exercem um papel preponderante nesse processo catártico. A propósito, um exemplo marcante da superação da finitude do ser em relação ao tempo, através da criação e fruição estéticas, está cristalizado no quadro *Saturno*

Devorando a um Filho, alegoria temporal idealizada pelo célebre pintor espanhol Francisco Goya y Lucientes (1746–1828), que, inspirado no mito romano de Saturno (Chronos para os gregos), sintetiza o drama humano frente ao caráter devorador do tempo. A força imagística do devorante é uma das mais inquietantes e provocadoras metáforas do tempo — expressão alegórica sem precedentes, que garantiu a imortalidade dessa obra de arte.

No intento de ultrapassar a apreensão do tempo a partir de vivências pessoais, de compreender e de assimilar a noção de tempo nas suas diversas dimensões, o homem, por meio da sua inata curiosidade e capacidade criativa, vem, incessante e metodicamente, investindo na invenção de sistemas de medição (calendários) e na construção de aparelhos (gnômon,¹

1. Gnômon · conhecido também como relógio solar. Instrumento que mede a hora do dia, através da disposição de um estilete, uma coluna, uma haste, etc., na vertical sobre um plano horizontal, indicando a altura do sol ou da lua acima do horizonte.

clepsidra,² astrolábio,³ ampulheta,⁴ relógios, etc.) cada vez mais sofisticados e precisos para controlar com maior propriedade o passar do tempo, na tentativa de minimizá-lo como realidade abstrata, transformando-o em realidade concreta, passível de mensuração.

Medir, demarcar, controlar o tempo são experiências tão contínuas na existência das mais diversas formações sociais quanto o próprio movimento do tempo natural. Todavia, as sociedades não criam calendários e aparelhos de medição apenas como mais uma entre tantas tentativas de dominação dos movimentos e das transformações da natureza.

Há, além desses ensaios de materializar o tempo, uma intenção simbólica que ultrapassa essa materialidade e revela uma necessidade imaterial de registrar, de

2. Clepsidra ou relógio de água é um instrumento muito antigo de medição do tempo com formato constituído por dois cones, onde o gotejamento da água do cone superior para o inferior possibilitava a indicação da hora pela leitura do nível de água no compartimento de baixo.

3. Astrolábio é um instrumento de forma esférica com haste móvel, utilizado para medir a posição dos astros, como as estrelas, por exemplo. Tal utensílio foi amplamente utilizado pela navegação e como uma maneira de determinar a duração do ano.

4. Ampulheta ou relógio de areia, como é facilmente reconhecido, é um instrumento de medida do tempo formado por um recipiente de vidro, dividido em dois compartimentos cônicos simétricos ligados pelo vértice (um canal estreito), por onde passa uma substância (areia, água ou mercúrio) de um compartimento para o outro num intervalo de tempo determinado.

interpretar e de entender o tempo na sua dimensão histórica, como produto cultural de diversas concretudes espaço-temporais. E é na cultura que surgem e interagem as mais diferentes concepções de tempo, como o tempo cíclico das sociedades agrárias, o tempo mítico da civilização greco-romana, o tempo escatológico ou teleológico do medievo. Tais concepções permitem driblar a idéia de linearidade embutida no tempo cronológico — único, singular e irreversível — e trazer à tona os diversos ritmos e da sua duração, incorporando as noções de permanência/continuidade, ruptura/descontinuidade e a dinâmica dialética desses processos, o que possibilita uma leitura ressignificada dos conceitos de mudança e transformação, agora, nessa perspectiva, não mais associados à idéia de linearidade e desenvolvimento progressivo.

Incorporar os diversos ritmos da duração do tempo (o tempo dos acontecimentos, das conjunturas, das estruturas) abre um leque de possibilidades de interpretação e reflexão do tempo cronológico. Aí ultrapassa-se a barreira da dimensão quantitativa, em que a datação serve apenas como registro delimitador e demarcador, para uma dimensão qualitativa desse registro, estabelecendo novas pontes entre passado e presente. O registro do tempo passa então a ter outros sentidos, como lembrar, rememorar, celebrar, comemorar, cultuar, desconstruindo antigas visões e formulando novos significados.

As linhas do tempo, um dos recursos didáticos mais utilizados para a organização esquemática da História, podem, se bem construídas e dimensionadas, refletir sobre a diversidade e a complexidade dos diferentes povos e culturas.

Considerando o que a palavra *linha* sugere, a idéia que se faz, automaticamente, é de um traço contínuo e alongado, representando uma determinada extensão, delimitada ou não. Destarte, tal imagem remete à de linearidade — ao que se estende em linha ou em comprimento; ao que se projeta de forma linear.

Porém, partindo das múltiplas possibilidades de leitura temporal, as linhas do tempo podem assumir diversas feições ou tessituras que reflitam mais além do que a simples demarcação horizontal de acontecimentos instituídos e institucionalizados (os chamados fatos históricos), selecionados e avaliados pelo saber dominante, pela subjetividade ideológica e pelo direcionamento político de quem os seleciona.

Noutra direção, as linhas do tempo devem ousar na forma, na função e nos conteúdos (principalmente no teor dos conteúdos), distanciando-se do simples arrolamento de fatos inertes e amorfos, no intuito de refletir sobre as visões de mundo e os espíritos das épocas passadas e, sobretudo, na medida do possível, oferecer um panorama sobre dúvidas, questionamentos, indagações e outras demandas sociais do presente, em relação à dinâmica dos tempos passados.

Tal reflexão é um convite às novas e diferentes leituras sobre o tempo e, acima de tudo, sobre o encontro de culturas tão distintas, proporcionado a partir da presença holandesa no Brasil do século XVII (1630–1654): sobre um tempo, sobre o tempo — *O Tempo dos Flamengos* —, sobre um tempo do Brasil em que ainda há muito por se conhecer e se revelar.

Linha do tempo

Índice de imagens

01. 1578. JeandéLéry. *Guerreiros Tupinambás*. *Le voyage au Brésil*, 1578. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.
02. 1617. Peter Paul Rubens (1577-1640). *O Rapt das filhas de Leucipo*, 222 x 209 cm. Munich, Alte Pinakothek.
03. 1621. P. Scharck. *Escritório da Companhia das Índias Ocidentais em Amsterdam*. Gravura, Coleção J. de Souza Leão. Rio de Janeiro, GB.
04. 1630. *Frota de Maurício de Nassau*. Gravura a partir de desenho de Frans Post. Ilustração do livro de Gaspar Barléu, 42,5 x 55,5 cm. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, GB.
05. 1630. Albert Eckhout (1610-1665). *Índio Tupi*, 269 x 170 cm, óleo sobre tela, 1643. Museu Nacional da Dinamarca.
06. Frans Post (1612-1680). *Vista da Sé de Olinda*, óleo sobre madeira, 45 x 70 cm.
07. 1632. Rembrandt (1606-1669). *Lição de Anatomia do Dr. Nicolaes Tulp*, 162,5 x 216,5 cm. Acervo do Mauritshuis, Amsterdam.
08. 1633. Frans Hals (1582-1666). *Malle Babbe ou A Bruxa de Haarlem* (c. 1630-33) 74,93 x 64,13 cm. Staatliche Museum, Berlim Ocidental.
09. 1633. Vermeer (1632-1675). *A Leiteira* (1655-1661) 45 x 40 cm. Rijks Museum, Amsterdam.
10. 1635. Frans Post. *Paisagem da Paraíba*, óleo sobre madeira, 45,4 x 53,7 cm. Acervo do Museu de Belas-Artes, Rio de Janeiro.
11. 1636. Zacharias Wagener. *O Mercado dos Escravos da Rua dos Judeus*. Extraído do Thierbuch, séc. XVII. Kupferstich Kabinett, Dresden.
12. 1637. Thodor Matham. *João Maurício de Nassau-Siegen* (1604-1679). Gravura, ilustração do livro de Gaspar Barléu, 42,5 x 28 cm. Acervo Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.
13. 1637. Albert Eckhout. *Mameluca*, 169 x 170 cm, óleo sobre tela, 1641. Museu Real da Dinamarca.
14. 1637. Moeda obsidional em ouro, mandada cunhar por João Maurício de Nassau provavelmente entre 1645 e 1646, resgatada da nau Utrecht, afundada em 1648 na Bahia. Coleção do Centro Cultural da Marinha, Rio de Janeiro.
15. 1637. Armas da Casa de Orange. Coleção Banco Itaú.
16. 1638. Georg Margrave. Imagem do livro *Historia Rerum Naturalium Brasiliae*, 1648. Coleção Ruy Souza e Silva.
17. 1641. Albert Eckhout. *Mulato*, 268 x 165 cm, óleo sobre tela, 1641. Museu Real da Dinamarca.
18. 1641/1642. *Palácio de Friburgo*. Gravura em cobre segundo desenho de Frans Post, pintada a mão, extraída do livro de Gaspar Barléu, 42,5 x 55,5 cm. Acervo Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.
19. 1643. *Boa Vista*. Gravura em cobre, segundo desenho de Frans Post, pintada a mão, extraída do livro de Gaspar Barléu, 42,5 x 55,5 cm. Acervo Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.
20. 1644. Reynaldo Fonseca. *Fernandes Vieira*, óleo/s/tela, 70 x 50 cm, 1993.
21. 1649. *1ª Batalha dos Guararapes*, autor ignorado, 264 x 259 cm, óleo sobre madeira, 1709. Acervo do Museu do Estado de Pernambuco.
22. 1654. Tereza Costa Rego. *Batalha dos Guararapes ou A árvore da Liberdade*. Acrílico sobre madeira, 160 x 220 cm, 1993.
23. 1678. Tapeçaria *Lédeux Torreaux*.
24. Séc. XX. Capa da edição do livro *Tempo dos Flamengos*, do historiador José Antônio Gonsalves de Mello.